



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA

JOSIVAN VIEIRA CORADO

CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

JOSIVAN VIEIRA CORADO

CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT-
Universidade Federal do Tocantins - Câmpus
de Miracema, Curso de Pedagogia, para
obtenção de título de Licenciado e aprovado
em forma final pelo orientador e pela banca
examinadora.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C787c Corado, Josivan Vieira .
Contribuições de Paulo Freire para a formação docente. / Josivan Vieira
Corado. – Miracema, TO, 2019.
69 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2019.

Orientador: Antônio Miranda de Oliveira Miranda de Oliveira

1. Recorte Histórico da vida e obra do Educador brasileiro Paulo Freire. 2.
Estudo da obra Pedagogia do Oprimido. 3. Implantação do Curso de
Pedagogia no Brasil. 4. Debate sobre formação de professores na atualidade.
I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JOSIVAN VIEIRA CORADO

CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

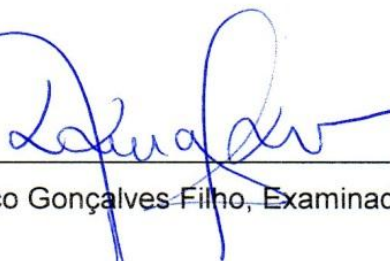
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 11/03/ 2019.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Antonio Miranda de Oliveira, Orientador, UFT



Prof. Dr. Francisco Gonçalves-Filho, Examinador, UFT



Profª. Esp. Rutileia Carvalho Xavier Pinho, Examinadora, UFT

Dedico especialmente a minha família, minha esposa Elisangela e minha filha Josielly, que foram minhas fontes inspiradoras nas diversas etapas deste estudo. Dedico também a minha mãe que contribuiu muito durante o meu curso, aos meus amigos, colegas e a todos os meus professores em especial meu orientador, pois a presença de todos vocês me proporcionou a chance de demonstrar a minha capacidade na realização deste trabalho que, apesar das dificuldades, hoje me sinto muito feliz e realizado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por me guiar e conceder-me esta vitória e conquista que tanto me esforcei para chegar até aqui, e também por me conceder sabedoria para enfrentar os desafios que encontrei no caminho da graduação.

A toda minha família, meus parentes, irmãos, amigos que estão sempre perto de mim, respeitam e admiram meus esforços. A minha mãe Raimunda Vieira Amaral, ao meu pai (falecido), mas mesmo sem saber ler e escrever corretamente um dos seus sonhos era que seus cinco filhos tivessem uma formação.

Ainda agradeço a Deus, por ter colocado no meu caminho, essa mulher guerreira chamada Elisangela Ferreira, que durante os quatro anos, também acadêmica não mediu esforços para que eu pudesse estudar e escrever, sempre cuidando de nossa filha às vezes perdendo aulas para que eu não fosse prejudicado nessa caminhada.

Ao meu amigo Tiago Soares. Aos indígenas Eldo Sapkakõ, Thiago Akukepré, Juliete Xerente, pela parceria durante os quatro anos e meio e pela troca de conhecimentos.

Agradeço ao corpo docente da UFT/Campus de Miracema, em especial ao professor Antonio Miranda por ter aceitado meu convite, para me orientar nesse trabalho.

Aos colegas do curso de pedagogia turma de 2014, com muitos desafios superamos eles e não desistimos.

Ao diretor - Campus Universitário de Miracema e a Universidade Federal do Tocantins.

*“Eu gostaria
de ser lembrado
como alguém que amou o mundo
as pessoas, os bichos
as árvores
a água, a vida!
(Paulo Freire)*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo realizar um estudo que parte de um recorte histórico da vida e obra do educador brasileiro Paulo Freire, (1921-1997). Um estudo sobre a obra *Pedagogia do Oprimido*, indicando algumas concepções de trabalho docente que permeiam essa obra, e ainda caracterizando o debate sobre a formação do pedagogo na atualidade, articulado com minha experiência na academia. Este estudo se faz necessário por Paulo Freire ser um dos mais importantes pensadores em educação no Brasil, sua contribuição para a pedagogia é sem dúvidas uma das mais notáveis, em todo o mundo, e influenciou movimentos, para que, a educação pudesse dar real significado a vida das pessoas. A obra *Pedagogia do Oprimido* é um marco na história. Sendo assim resolvemos estudar essa obra para nos auxiliar na parte principal desse trabalho que é a contribuição de Paulo Freire para formação do pedagogo. Compreendemos que a formação docente é sem dúvida um trabalho importante e que reflete diretamente na qualidade de vida das pessoas. Vemos hoje em dia muitas confusões que se fazem especialmente para mostrar alternativas mirabolantes como solução para os problemas da formação continua sendo objeto de debates e discussão, nas universidades em todo Brasil e que as circunstancias estão em constante mudança por isso entendo que é de suma importância estarmos atentos a esses debates.

Palavras chave: pedagogia do oprimido, estudo, formação, trabalho docente.

RESUMEN

Este proyecto tiene como objetivo realizar un estudio que deje una historia de la vida y obra del pedagogo brasileño Paulo Freire (1921-1997). Un estudio sobre la obra pedagogía del oprimido, indicando algunos conceptos de trabajo que permean la obra de enseñanza y aún con el debate sobre la formación del pedagogo en la actualidad, articulado con mi experiencia en el mundo académico. Este estudio es requerido por Paulo Freire es uno de los pensadores más importantes en la educación en Brasil, su contribución a la pedagogía es sin duda uno de los más notables en el mundo y la influencia de movimientos, para que la educación podría dar real significado personas. La obra pedagogía del oprimido es un hito en la historia. Así que decidimos estudiar esta obra para ayudarnos en la parte principal de este trabajo es el aporte de Paulo Freire a la formación del profesorado. Entendemos que la formación del profesorado es sin duda un trabajo importante y que se refleja directamente en la calidad de vida de las personas que vemos hoy en día muchas confusiones que se hacen especialmente para mostrar intrincadas alternativas como solución a los problemas la formación es aún objeto de debate y discusión en las universidades en todo el país y que las circunstancias están cambiando constantemente por lo que entiendo que es de suma importancia que conocemos de estos debates.

Palabras clave: pedagogía del oprimido, estudio, capacitación, trabajo de enseñanza.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESTUDO DA BIOGRAFIA VIDA E OBRA DO EDUCADOR BRASILEIRO PAULO FREIRE.....	13
2.1 Educação Popular, O Método Paulo Freire De Alfabetização.....	15
2.2 Contexto histórico No Brasil: interrompido pelo Golpe Militar 1964 A 1985.....	19
2.3 Contextos Históricos No Chile E Na África.....	20
3 ESTUDO DA OBRA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E AS CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE.....	23
3.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa.....	23
3.2 Pedagogia do oprimido, primeira parte justificativa do autor.....	24
3.2.1 A contradição opressor-oprimidos: Sua superação.....	24
3.2.2 A situação concreta de opressão e os opressores.....	25
3.2.3 A situação concreta de opressão e oprimidos.....	26
3.2.4 Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.....	27
3.3 Pedagogia do oprimido, segunda parte, concepção bancária da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica.....	28
3.3.1 A concepção problematizadora e libertadora da educação: Seus pressupostos.....	29
3.3.2 A concepção “bancária” e a contradição educador-educando.....	29
3.3.3 Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.....	31
3.4 Pedagogias do oprimido terceira parte, a dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade.....	33
3.4.1 A educação dialógica e o dialogo.....	33
3.4.2 As relações homens-mundo, os temas geradores e o conteúdo programático desta educação.....	35
3.4.3 A investigação dos temas geradores e sua metodologia.....	36
3.4.4 A significação conscientizadora da investigação dos temas geradores os vários momentos da investigação.....	37
3.5 Pedagogias do oprimido quarta parte, a teoria da ação antidialógica.....	40
3.5.1 Dividir para manter a opressão.....	43

3.5.2 Manipulação.....	43
3.5.3 Invasão cultural.....	44
3.5.4 Co-laboração.....	45
3.5.5 Unir para a libertação.....	46
3.5.6 Organização.....	47
3.5.7 Síntese cultural.....	48
4 DEBATE A CERCA DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NA ATUALIDADE4.....	49
4.1 O Curso de pedagogia.....	49
4.1.1 Definição do curso de pedagogia nas DCN.....	53
4.1.2 O trabalho do pedagogo.....	54
4.1.3 Autoconhecimento.....	56
4.1.4 Reflexividade.....	57
5 formação de pedagogo na atualidade: novos rumos.....	59
5.1 Valorização.....	60
5.2 Experiências.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

Quando comecei o curso de licenciatura em pedagogia em 2014, na Universidade Federal do Tocantins, ainda não tinha a dimensão da importância desse curso para formação especificamente de professores. Com o passar do tempo e com as leituras que iam decorrendo como parte da exigência do currículo, alguns autores foram ganhando destaque nas minhas leituras; isso muitas vezes foi reforçado em palestras que participei na área da formação docente.

Paulo Freire (1921-1997) chamou-me atenção para algumas questões que, no entanto muitos de nós nos encontramos no interior dela e isso tem a ver com trabalho, opressão, opressor, são palavras que estão presentes no dia a dia de muitas pessoas, retrata muito bem a vida e luta de educadores em todo Brasil, um país com poucas políticas de valorização do trabalhador em educação, e também como trabalhar com alfabetização de pessoas usando suas experiências de vida.

Paulo Freire (1921-1997) é um dos mais importantes pensadores do Brasil, sua contribuição para a pedagogia é sem dúvidas uma das mais notáveis, influenciou muitos educandos e educadores de todo o mundo, bem como movimentos, para que, a educação e a pedagogia tivessem papel fundamental na construção de uma sociedade crítica e pensante.

O valor e a atualidade do referencial de Paulo Freire são reconhecidos por Nóvoa (1998, p. 172): “Freire é o mais importante pedagogo de língua portuguesa do século XX. A sua vida e a sua obra impõem-no como uma referência obrigatória, uma vez que transporta memórias e conceitos essenciais para o esforço científico de pensar a educação e a escola”.

Este trabalho apresenta a seguinte problemática: Que contribuições o pensamento e a obra de Paulo Freire podem dar para a formação do pedagogo? Aos efeitos da formação sobre os educadores e a comunidade escolar, acrescida da luta dos educadores por melhores condições. Sendo assim decorre o seguinte objetivo: Discutir as contribuições do pensamento e da obra de Paulo de Freire (Pedagogia do Oprimido), para a formação do pedagogo.

Os motivos que me levaram ao interesse pela problemática estão lá no 5º período do curso de pedagogia, especificamente na disciplina EJA - Educação de Jovens e Adultos, ministrada na ocasião pelo professor Dr. Francisco Gonçalves Filho da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema TO.

Em um seminário sobre a obra de Carlos Rodrigues Brandão, O que é método Paulo Freire (2006), onde comecei minhas leituras sobre a história e a importância desse educador

para a pedagogia, para a educação e ainda por descobrir que, suas ideias e pensamentos não recebem a atenção¹ que deveria por aqueles que fazem educação no Brasil.

Brandão mostra que no método Paulo Freire de alfabetização, não se trata apenas de alfabetizar pessoas, mas era um trabalho humanitário, as pessoas analfabetas não tinham valor, não tinham direitos, não podiam cobrá-los a nenhuma autoridade.

Este autor mostra ainda a importância desse trabalho, pois com o método, em pouco tempo muitas pessoas já liam, sabiam identificar seus instrumentos de trabalho pelo nome, como se tratava de pessoas pobres que lidavam na roça, por exemplo, nas leituras sabiam identificar as palavras que davam nome aos seus instrumentos de trabalho: o machado, a enxada, o facão, o cutelo, “refiro-me a uma foice antiga para corte de arroz”, assim nas leituras é possível observar a libertação dessas pessoas através do ato ler.

Para chegar aos objetivos apontados nesse estudo opto por des envolver uma pesquisa qualitativa bibliográfica, tendo como principal referencial teórico, Paulo Freire. Durante o estudo outros autores foram consultados. Também foram realizados. Leituras de documentos que possam fundamentar a pesquisa. Este estudo foi proposto e desenvolvido por mim, sob a orientação do professor Antônio Miranda de Oliveira do curso de pedagogia do Campus de Miracema To

A monografia está assim organizada: na primeira seção dedico-me *ao contexto da vida e a obra do educador brasileiro, Paulo Freire (1921-1997)*.

Na segunda, faço *um estudo da obra pedagogia do oprimido, apontando algumas concepções de trabalho docente contido nesta obra, para que possamos compreender o que fazer docente*.

Na terceira e última seção, há *um pequeno histórico de criação do curso de pedagogia e ainda debate acerca da formação do pedagogo na atualidade, apontando minhas experiências na academia, traçando um paralelo sobre o que diz a obra sobre o trabalho, sobre a relação educador-educando, com o processo de formação oferecido pela universidade*.

¹ Embora seja compreensível por parte de estudantes discurso e a prática da autonomia docente no trabalho de formação do educador, consideramos estranha a pequena presença de Paulo Freire e suas obras no contexto dos estudos para a formação do pedagogo na UFT/Campus de Miracema. Neste semestre, 2018/2, os docentes Francisco Gonçalves e Ana Corina Spada estão ofertando uma atividade integrante que tem como centro o estudo da obra Pedagogia do Oprimido e vem contando com a participação de alguns acadêmicos.

2 ESTUDO DA VIDA E OBRA DO EDUCADOR PAULO FREIRE

À frente a primeira parte desse estudo a vida e obra do educador Paulo Freire.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Estrada do Encanamento, bairro da Casa Amarela.

“Pai, Joaquim Temístocles Freire, do Rio Grande do Norte, oficial da Polícia Militar de Pernambuco, espiritista, embora não fosse membro de círculos religiosos, extremamente bom, inteligente, capaz de amar”. (FREIRE, 1980.p 13).

Mãe, Edeltrudes Neves Freire, de Pernambuco, católica, doce, boa, justa. Ele morreu há muito tempo, mas deixou uma marca indelével. Ela viveu e sofreu, confiava sem cessar em Deus e sua bondade. (FREIRE, 1980, p. 13).

Com eles aprendeu o diálogo que procurava manter com o mundo, com os homens, com Deus, com sua mulher, com seus filhos. O respeito de seu pai pelas crenças religiosas de sua mãe ensinou-lhe desde a infância a respeitar as opções dos demais.

“Recordo-me ainda hoje com que carinho escutou-me quando disse-lhe que queria fazer minha primeira-comunhão”. (FREIRE, 1980, p. 13).

“Escolheu a religião de sua mãe e ela auxiliou-o para que a eleição fosse efetiva. As mãos de seu pai não haviam sido feitas para machucar seus filhos, mas sim para ensinar-lhes a fazer coisas. Embora sua família fosse de classe média Paulo Freire vivenciou a pobreza durante a recessão de 1929, ainda criança. A crise econômica de 1929 obrigou sua família a mudar-se para Jaboatão, onde parecia menos difícil sobreviver. Uma manhã de abril de 1931 chegou a casa onde viveriam experiências que lhe marcariam profundamente”. (FREIRE 1980, p.13, 14).

Em Jaboatão Pernambuco, perdeu seu pai, experimentou o que é a fome e pode compreender a fome dos demais, ainda quando bem criança converteu-se em homem graças à dor e ao sofrimento que não lhes submergiam nas sombras da desesperação. (FREIRE 1980, p. 14).

Ali jogou bola com os filhos daquele povo tornando-se um deles. Quando tinha dez anos, Paulo Freire começou a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse uma criança começou a perguntar-se o que poderia fazer para ajudar aos homens. (FREIRE 1980, p.14).

Ainda muito cedo Paulo Freire ingressa no ginásio apesar de muitas dificuldades que a vida pobre lhe atribuía.

Com dificuldades enormes fiz meu exame de admissão ao ginásio aos 15 anos, quando ainda escrevia *rato* com dois *rr*. Aos 20, porém, no curso pré-jurídico, já lera os “Serões Gramaticais”, de Carneiro Ribeiro, a “Réplica” e a “Tréplica” de Rui Barbosa, alguns gramáticos portugueses e outros brasileiros, e começava a introduzir-me em estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem, enquanto me tornava professor do curso ginásial. Iniciei, então, leituras de obras básicas da literatura brasileira e algumas estrangeiras. (FREIRE 1980, p. 14).

É provável que a educação que recebeu fosse a de família tradicional onde todos devem ser educados para ser bons pais de família. Seguindo esse viés Paulo Freire casou-se aos 23 anos de idade em 1944 com Elza Maria Costa Oliveira, que leva o nome Elza Freire, era de família pernambucana, católica tiveram cinco filhos, três moças e dois rapazes. Em suas palavras Elza Freire mostrou ser uma ótima companheira.

A Elza, professora primária e, depois, diretora de escola, devo muito. Sua coragem, sua compreensão, sua capacidade de amar, seu interesse por tudo que faço sua ajuda nunca negada, e sequer solicitada (pressente a necessidade da ajuda), me têm sempre sustentado nas mais problemáticas situações. Foi a partir do casamento que comecei a me preocupar sistematicamente com problemas educacionais. Estudava mais Educação, Filosofia e Sociologia da Educação que Direito, curso de que fui um aluno médio. (FREIRE 1980, p. 15)

Paulo Freire licenciou-se em direito pela Universidade do Recife em 1943, mas frustrou-se logo na primeira causa. “Um assunto de dívida. Após falar com o jovem dentista, devedor tímido e vacilante deixou-o ir em paz: que passe sem mim, que prescindia do advogado; sentia-me muito feliz por não o ser daí por diante”. (FREIRE, 1980, p. 15).

Certamente nós educadores agradecemos-lo por não seguir a advocacia, o mundo deve muito a Paulo Freire por todo legado deixado e provado em educação.

Em fins de 1959, prestou concurso e obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese “Educação e atualidade brasileira”. Esta titularidade assegurou-lhe, através da Portaria nº. 30, de 30 de novembro de 1960, assinada pelo Reitor João Alfredo da Costa Lima, a nomeação de professor efetivo (nível 17) de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife, tendo tomado posse em 2 de janeiro de 1961. (GADOTTI, 1996, p. 34).

Paulo Freire é um dos educadores mais importante do Brasil, um dos homens mais respeitado no mundo quando o assunto é educação. Educador, pedagogo e filósofo, suas obras são traduzidas para mais de trinta idiomas, é um dos cem autores mais lido no mundo, a vida e a obra de Paulo Freire estão intimamente ligadas; ele escrevia e pensava o que ele mesmo presenciava; assim ele é um pensador da sua própria prática.

Depois de sua experiência não bem-sucedida como advogado, Paulo Freire começa a trabalhar no departamento de serviço social Industrial Brasileiro-SESI, em 1947, posteriormente como diretor do departamento de educação e cultura, onde começa seu contato com a alfabetização de adultos.

Ao lado de outros educadores e pessoas interessadas na educação escolarizada, sob a liderança de Raquel Castro, fundou nos anos 50 o Instituto Capibaribe. Instituição de ensino privado conhecida até hoje em Recife pelo seu alto nível de ensino e de formação científica, ética e moral voltada para a consciência democrática. (GADOTTI, 1996, p. 33).

Em 1958 Paulo Freire participa de um congresso no Rio de Janeiro onde apresenta um trabalho chamado, educação e princípio de alfabetização, nesse trabalho ele defendia que os alfabetizandos, deveriam ser instigados a partir de sua própria experiência, do seu próprio convívio para aprender a ler. Durante o período em que esteve na superintendência por quase dez anos Paulo Freire fez sua primeira experiência que mais tarde levaria ao programa de alfabetização de adultos, onde ele mesmo é o coordenador, iniciado em 1961.

2.1 Educação popular o método Paulo Freire de alfabetização

O governo paraibano chefiado por (Pedro Gondim), no início de 1961, comunica seu plano de governo e nesse plano uma das metas era apoio a educação popular além de outras, onde estava previsto cerca de 10 dez bilhões de cruzeiros. Não só o governador estava interessado, mas também o governo municipal.

Em 9 de agosto de 1956, o prefeito progressista Pelópidas Silveira, usando de atribuições a ele concedidas pelo Decreto nº. 1.555, de 09.08.1956, nomeou Paulo Freire, ao lado de mais oito notáveis educadores pernambucanos, membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife. Alguns anos depois, foi designado para o cargo de Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, conforme atestado assinado por Germano Coelho, em 14 de julho de 1961. (GADOTTI, 1996, p.33.)

Em seu projeto de investir na educação popular, além do governo estadual, e municipal a Campanha de educação popular na Paraíba (CEPLAR) contaria com o apoio do governo Goulart, diretamente interessado nesse processo, tanto no que tange à alfabetização como no aumento de eleitores por todo o nordeste, o voto aos analfabetos só foi assegurado na constituição federal de 1988 especificamente no artigo 14.

Enquanto essas ações se passavam, na zona rural paraibana, camponeses das Ligas e milícias particulares contratadas por proprietários de terra se chocavam. As maiores cidades paraibanas em especial João Pessoa e Campina Grande, também viviam intensamente o clima político, com a permanente mobilização de setores estudantis, da imprensa, de setores da Ação Católica (JUC) Juventude Universitária Católica, e de partidos políticos, como o Partido Comunista Brasileiro.

Em março de 1962, a imprensa noticiava o primeiro deles: deles o que, de quem, está se referindo a que "Seminário Sobre realidade Nordeste - promovido pela CEPLAR:(Campanha de educação popular na Paraíba). Dia 12 – A realidade socioeconômica do Nordeste - a cargo do Sr. Ronald Queiroz; Dia 13 - A democratização da cultura, pelo Professor Paulo Freire (do Movimento de Cultura Popular do Recife); Dia 14 - O papel dos educadores na promoção do desenvolvimento do Nordeste pelo Padre Antônio Nóbrega,(SCOCUGLIA, 2001, p 191).

O método Paulo Freire começa em 1961, com o nome, método Paulo Freire de alfabetização de adultos, não havia o que hoje chamamos de alfabetização de jovens e adultos, este programa se fez necessário porque o Brasil tinha um grande índice de analfabetismo, tanto funcional como absoluto. Se pararmos para pensar ainda vivemos com esse fantasma, pois até os dias atuais o Brasil não conseguiu sanar esse problema de forma definitiva,

O grande objetivo de Paulo Freire e sua equipe não era só sanar o analfabetismo absoluto, mas também sanar o analfabetismo político, na sua época havia uma grande necessidade de conscientização dos eleitores para que pudessem tomar boas decisões e possivelmente se tornaram eleitores críticos. O trabalho desenvolvido por Paulo Freire e sua equipe era muito importante para o bem-estar de todos nas regiões mais pobres do Brasil, os analfabetos não tinham o direito de votar. Não tendo o direito de votar, não podiam cobrar por melhorias para suas vidas, mas não era só alfabetizar para se ter o direito de votar, também formar um cidadão crítico. Paulo Freire sempre defendeu a libertação dos mais pobres através do saber.

. Os índices mostram que o Brasil não alcançara a meta de erradicar o analfabetismo até 2024, como proposto no Plano Nacional de Educação.

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos ou mais para noventa e três inteiros e cinco décimos por cento até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional. (BRASIL, PNE 2014/2024, p. 68)

Atualmente o Brasil ainda tem cerca de 11,5 milhões de analfabetos, o que corresponde a 7,2% da população de 15 anos ou mais. Os dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística “(IBGE 2016). Os maiores índices estão no norte e nordeste, as regiões com maiores dificuldades financeiras do país e com menos investimentos em educação, infra estrutura e qualidade de vida, isso justifica o interesse de “Freire” em desenvolver seu método de alfabetização nessa região (nordeste). Em que consiste o método Paulo Freire de alfabetização de adultos?

Para Carlos Brandão (2006) o método Paulo Freire, dispensa todo tipo de conhecimento que seja apenas transferido, pois ninguém educa ninguém e ao mesmo tempo, ninguém se educa sozinho, a educação é, portanto, uma troca de saberes e o professor têm que partir da realidade do aluno. O professor e os alunos devem trabalhar juntos para desenvolver o conhecimento.

Para Gadotti (1996), em Paulo Freire uma biobibliografia: “As atividades de alfabetização exigem a pesquisa do que Freire chama universo vocabular mínimo” entre os alfabetizandos. É trabalhando este universo que se escolhem as palavras que farão parte do programa.

Estas palavras, mais ou menos dezessete, chamadas “palavras geradoras”, devem ser palavras de grande riqueza fonêmica e colocadas, necessariamente, em ordem crescente das menores para as maiores dificuldades fonética, lida dentro do contexto mais amplo da vida dos alfabetizandos e da linguagem local, que por isso mesmo é também nacional. A decodificação da palavra escrita, que vem em seguida à decodificação da situação existencial codificada, compreende alguns passos que devem, rigorosamente, se suceder.

Na análise de Brandão (2006), se o processo é desenvolvido para educação de adultos é preciso levar em consideração o contexto cultural que o aluno está inserido. Onde o adulto analfabeto trabalha? É na roça? Qual o instrumento de trabalho?

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. (FREIRE 1987, p. 13).

Em outras palavras, o método Paulo freire, requer que o professor faça um levantamento de palavras vinculadas às experiências de vida dos alunos, de seu universo vocabular. O aprendizado acontecerá a partir das palavras e temas geradores. Como por exemplo, temos o campo, as ferramentas usadas no trabalho, como enxada, machado, foice, o

aluno pode não saber escrever inicialmente o nome das mesmas, mas conhece a história e cada objeto que utiliza.

Apartir de então começa as andanças pelo Brasil, ministrando cursos e alfabetizando alunos, no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo além de cidades de todo o nordeste, o método tratava de uma nova visão de mundo, uma formação crítica que pudesse levar o alfabetizando a pensar, a ser crítico, desvalorizando totalmente os saberes abstratos das cartilhas, saberes esses que já eram prontos não tinham nenhuma função libertadora.

“A cartilha é um saber abstrato, pré-fabricado e imposto. É uma espécie de roupa de tamanho único que serve para todo mundo e para ninguém” (Brandão, 2006, p. 22)

Nos seus diálogos com a sociedade se pensava uma educação que fosse de encontro com aquela já estabelecida, criticada e que não dava certo, a prova era o número exorbitante de analfabetos que existia no Brasil. O método Paulo Freire de alfabetização de adultos tinha o apoio de todos que o conhecia e estava tendo muitos resultados, com a sua expansão, teve cursos em muitas outras regiões do país, alfabetizando muitas pessoas que não tinha nenhuma perspectiva, eram trabalhadores rurais que eram procurados provavelmente em tempos de eleições.

Segundo Brandão (2006), “o método foi levado por outras pessoas depois dos testes na roça e nas cidades do nordeste para os estados de Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo”.

Era uma época de criação de movimentos populares de cultura, movimentos estudantis, movimentos provenientes de igrejas, e muitos outros lugares e grupos que se associavam em prol de uma nova ideia de pensamento, professores, estudantes, trabalhadores de toda parte que discutiam, que juntos davam sentidos a novas e velhas palavras como educação popular e cultura popular”.

Os resultados obtidos – 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias – impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo o território nacional, mas desta vez com o apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das Capitais dos Estados brasileiros (no Estado da Guanabara se inscreveram mais de 6.000 pessoas; igualmente criaram-se cursos nos Estados do Rio Grande do Norte, São Paulo, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Sul, que agrupavam vários milhares de pessoas). O plano de ação de 1964 previa a instalação de 20.000 círculos de cultura, capazes de formar, no mesmo ano, por volta de 2 milhões de alunos. Cada círculo educava, em dois meses, 30 alunos. (FREIRE 1980, p.17. 18).

Não deu tempo para que se aplicasse o método por todo o país, pois em fevereiro de 1964 o Estado de Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro, apreendeu na gráfica milhares de

exemplares da cartilha Movimento de Educação de Base; *viver é lutar*, nos primeiros dias do mês de abril daquele ano a Campanha Nacional de Alfabetização idealizada e dirigida pelo professor Paulo Freire foi denunciada publicamente como algo que poderia ser perigoso para a ordem estabelecida.

“Era perigosamente subversiva”. Foram tempos difíceis, de certo modo eles tinham razão, o método Paulo Freire de alfabetização era inovador e incomodava aqueles que queriam manter a população aos seus domínios, pois pessoas analfabetas eram mais domináveis, por falta de informação e conhecimento que não fosse do seu próprio meio.

2.2 Contextos históricos no Brasil: interrompido pelo golpe militar 1964 a 1985

Para iniciar essa subseção gostaria de informar ao leitor desse trabalho que não vou fazer um aprofundamento do tema golpe militar, a intenção é apontar que o trabalho de Paulo Freire sofreu uma interrupção nesse período no Brasil.

A década de 50 e início de 60 são marcados por uma erupção política muito grande com a implantação do nacionalismo desenvolvimentista, um projeto dos anos 30 ainda do governo Getúlio Vargas. Na segunda metade dos anos 1950 o Brasil é governado por Juscelino Kubitschek, no começo dos anos 1960, foi marcado pela entrada de Jânio Quadros no governo especificamente pela sua saída precoce, pela sua renúncia, decorrida da ascensão de João Goulart em 1961, este interrompido em 1964 com o golpe militar.

Em 1964 um grupo das forças armadas do Brasil, aliou-se aos setores da iniciativa privada, juntamente com alguns políticos, parte da sociedade civil, com o apoio do governo dos Estados Unidos, e instituíram um golpe de Estado, que hoje faz parte do lado ruim da memória de muita gente, mas que continua precisando ser conhecido.

Com a renúncia de Jânio Quadro em 25 de agosto de 1961, seu vice João Goulart assumiu o poder, dois anos depois foi derrubado pelos militares, instalou-se um governo autoritário, nacionalista, o que estava ruim ficou pior, as lutas travadas com comunistas, censura contra artistas, políticos, funcionários públicos. Partir de 1968, o país vive um caos, artistas são presos, políticos são presos, a ditadura age diretamente contra docentes e estudantes em várias universidades brasileiras.

Aqueles foram anos — cada vez piores, até 1968 — em que por toda a parte educadores eram presos e trabalhos de educação, condenados. Paulo Freire foi um dos primeiros educadores presos e depois, exilado. Foi para o Chile com a família, o sonho e o método. Todos exilados do país por 16 anos (BRANDÃO, 2006, p. 19)

Uma das grandes preocupações dos militares era extinguir o método Paulo Freire ou sistema Paulo Freire de alfabetização de adultos. A campanha de educação popular CEPLAR estava causando uma mobilização social muito importante alfabetizando jovens e adultos por todo nordeste causando mudanças sociais muito qualificadas, mas era objeto de preocupação, tanto que foi interrompido, por ser considerada uma ameaça para aqueles que não queriam mudanças no contexto social da época “os militares” e as elites brasileiras.

2.3 Contextos históricos no Chile e na África

O golpe militar de 1964 fez com que Paulo Freire fosse exilado do Brasil, por 16 anos, marcando toda sua obra e sua vida, vai para o Chile, onde permanece por quatro anos, durante o tempo em que ficou no Chile, Paulo Freire continuou trabalhando com o seu sistema de alfabetização aquele país tinha um alto índice de analfabetismo assim como o Brasil.

O Chile recebe da UNESCO uma distinção como um dos cinco países que melhor contribuíram para superar o analfabetismo. “Programas nacionais são desenvolvidos a partir das ideias e do sistema de trabalho de um brasileiro exilado”. (Brandão 2006, p. 19 e 20.)

Nesse contexto Paulo Freire apresenta duas obras muito importante, Educação Como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido. Fica no Chile até o final dos anos 60, quando foi convidado para ser catedrático na Universidade de Harvard nos Estados Unidos, depois recebeu outro convite para dirigir o departamento de educação do Conselho Mundial das Igrejas em Genebra, Suíça, ficou seis meses apenas nos Estados Unidos. Fica na Suíça por quase dez anos, até os dias atuais muitos países europeus aplicam o método Paulo Freire na formação de seus cidadãos.

Muitos países da África estavam recém libertados de séculos de opressão de seus colonizadores. Paulo Freire e sua equipe aceita o desafio de levar seu sistema de alfabetização para esses países por volta dos anos 60, ele aceita o convite para trabalhar em países que o idioma é o português.

Os trabalhos na África dão a oportunidade de melhorar ainda mais seu método, isso porque como já mencionado nesse trabalho Paulo Freire é um pensador, um estudioso da sua própria prática, ou seja, ele estudava e pesquisava aquilo que ele mesmo desenvolvia na suas caminhadas pelo mundo em defesa da educação, estava sempre revendo conceito, fazendo experimentos, sempre inovando de acordo a necessidade do local onde ele estava trabalhando.

Durante o período em que esteve na África apresentou uma obra muito importante aos educadores de Guiné-Bissau, chamada Cartas a Guiné-Bissau. Essa obra é dividida em partes e as partes são divididas em momentos que contam as etapas do processo de implantação, do método, do conhecimento dos problemas locais. Buscou conhecer os problemas do local para assim traçar uma forma de trabalho, isso explica o sucesso de seus experimentos por onde trabalhou.

Nesse relato Freire conta como se sentiu ao pisar em solo africano:

Meu primeiro encontro com a África não se deu, porém, com a Guiné-Bissau, mas com a Tanzânia, com a qual me sinto, por vários motivos, estreitamente ligado. Faço esta referência para sublinhar quão importante foi, para mim, pisar pela primeira vez o chão africano e sentir-me nele como quem voltava e não como quem chegava. Na verdade, na medida em que, deixando o aeroporto de Dar es Salaam, há cinco anos passados, em direção ao “campus” da universidade, atravessava a cidade, ela ia se desdobrando ante mim como algo que eu revia e em que me reencontrava. (FREIRE, 1978 p.10).

Paulo Freire estava muito familiarizado com as condições encontradas na África, que para ele era como se tivesse no nordeste brasileiro, por exemplo, a realidade vivida por eles, o analfabetismo e a maioria da população pobre,

Daquele momento em diante as mais mínimas coisas - velhas conhecidas- começaram a falar a mim, de mim, como o mesmo expressa:

A cor do céu, o verde-azul do mar, os coqueiros, as mangueiras, os cajueiros, o perfume de suas flores, o cheiro da terra; as bananas, entre elas a minha bem amada banana-maçã; o peixe ao leite de coco; os gafanhotos pulando na grama rasteira; o gingar do corpo das gentes andando nas ruas, seu sorriso disponível à vida; os tambores soando no fundo das noites; os corpos bailando e de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava (FREIRE, 1978 p. 10).

Nos anos 70 sua obra ganha dimensão mundial, porque até então o que se parece é que o trabalho de Paulo Freire estava limitado a ele mesmo e a sua equipe, a partir daí seu trabalho, sua obra expande consideravelmente por outros países onde ele não visitou.

Após, reconhecimento mundial de seu trabalho e de suas obras, passa a receber vários convites para conferências e palestras em universidades e escrever em várias revistas e artigos, que levaram Paulo Freire a ganhar mais de 40 títulos de honoris causa e alguns prêmios dentre eles: “Prêmio Rei Balduíno para o Desenvolvimento” (Bélgica, 1980); “Prêmio UNESCO da Educação para a Paz” (1986) e “Prêmio Endres Bello”, da Organização dos

Estados Americanos, como Educador do Continente (1992). (GADOTTI E ABRÃO, 2012. p 11).

No fim dos anos 70 veio a lei da anistia para todos que foram exilados ou preso políticos. Volta ao Brasil precisamente em 07 de agosto de 1979, trazendo consigo uma história de sucesso e aprendizado que absorveu por onde passou.

No dia 26 de novembro de 2009, durante a realização do Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, realizado em Brasília, o educador Paulo Freire foi declarado “anistiado político brasileiro”, com pedido de desculpas por atos criminosos cometidos pelo Estado. A Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, que analisou o requerimento feito pela viúva Ana Maria Araújo Freire, em 2007, sob a ótica da perseguição política sofrida pelo educador à época da ditadura, concedeu a anistia solicitada. Na ocasião, o relator do processo, Edson Pistori, afirmou que “esse pedido de perdão se estende a cada brasileiro que, ainda hoje, não sabe ler sua própria língua”. A perseguição a Paulo Freire pela ditadura impediu a milhares de brasileiros de se alfabetizarem. (GADOTTI; ABRÃO, 2012, p. 10).

Podemos assim dividir a vida e a obra de Paulo Freire em três fases: a marcada por todo o contexto vivido no Nordeste, segundo por todo o período em que ficou exilado, o terceiro quando retorna ao Brasil.

Ao voltar ao Brasil vira referência para muitos movimentos sociais, assessora varias prefeituras, que eram governadas por setores progressistas da sociedade e de partidos políticos, e volta a lecionar na PUC e na UNICAMP, orienta muitos trabalhos, pública várias outras obras. Paulo Freire retorna com o intuito de reaprender o Brasil, como ele mesmo falou quando pisou em solo brasileiro depois de 16 anos de exílio. Gadotti expressa assim esse retorno de Paulo Freire.

[...] Em 1989, tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo. Durante seu mandato, fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização – como o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP) –, de revisão curricular e ainda também se empenhou na recuperação salarial dos professores. (GADOTTI; ABRÃO, 2012 p. 11).

Paulo Freire é autor de muitas obras. Entre elas: Educação como Prática da Liberdade (1967), Pedagogia do Oprimido (1968), Cartas à Guiné-Bissau (1975), Pedagogia da Esperança (1992), À Sombra Desta Mangueira (1995). (Gadotti e Abrão, 2012. p 11).

A seguir irei apresentar o resultado das leituras que fiz de uma dessas obras: Pedagogia do Oprimido.

3 ESTUDO DA OBRA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

3.1 procedimentos metodológicos da pesquisa

Após apresentar a vida e obra do educador Paulo Freire, realizado no primeiro capítulo deste trabalho, onde fiz um recorte histórico da vida e obra de Paulo Freire, para construção do mesmo, adentrarei a partir desse momento, a segunda parte do estudo, onde propus fazer um estudo da obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita pelo educador Paulo Freire, indicando concepções de formação e trabalho docente que permeiam esta obra.

Informo, porém, que se trata de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, com o objetivo de auxiliar-me na produção desse estudo.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT, (org) 2009, p. 37)

Para Gil (2007, p. 44 apud, Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira, (org) 2009, p. 37) os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

Sendo assim, a abordagem qualitativa pode auxiliar-me no desenvolvimento desse estudo, com o objetivo de melhor compreendermos os significados dos pensamentos e valores estudados e pesquisados. Permitindo um pensamento crítico sobre a temática das contribuições de Paulo Freire para a formação docente.

A obra *Pedagogia do Oprimido* é uma referência na história recente do Brasil, é um marco na trajetória e em todos os escritos de Paulo Freire, principalmente pelos momentos em que vivia, dessa forma é importante compreender o contexto em que se deu a sua produção, foi escrito entre os anos de 1967 a 68 é frutos das condições em que foi submetido em meado dos anos 60, e durante o exílio no Chile, desse modo precisa ser compreendida dentro desse contexto histórico.

É importante dizer que, a obra *Pedagogia do Oprimido* é entendida por alguns leitores como uma sequência dos últimos capítulos do livro *Educação como prática da liberdade*, mas

ela faz parte de um todo, e, tem sua importância, seus destaques, suas particularidades que a leva a ser uma das obras mais lidas, do acervo bibliográfico de Paulo Freire. *Pedagogia do Oprimido* é uma obra para que possamos enfrentar o poder, assumir o poder, exercê-lo, e para transformar o poder.

Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1970, nos Estados Unidos, e no Brasil, foi publicado só em 1974 com 253 páginas. Editora Paz e Terra, gênero Ensino, assunto principal pedagogia, está na 50ª edição, foi traduzida para mais de 30 idiomas, esta na lista dos livros mais indicados por professores de universidades nos Estados Unidos, Austrália e outros países Europeus.

A obra tem frases curtas de fácil compreensão, estrutura-se em quatro partes, assim subdividida para que pudéssemos estudá-la precedidas de uma breve introdução, na qual Paulo Freire chama a atenção para o medo que o oprimido tem da liberdade ou do perigo da conscientização, para dominação.

3.2 pedagogias do oprimido, primeira parte justificativa do autor

No capítulo I, Paulo Freire inicia com a justifica a Pedagogia do Oprimido, apontando que fará aprofundamentos dos estudos anteriores de *Educação como Prática da Liberdade*, diz que homem pressionado pela sua condição acaba se descobrindo, e ao se descobrir se vê numa situação de desconexidade, de sua humanização, não se tornando mais uma ilusão, é um fato, uma realidade, a liberdade, no entanto passa a ser objeto de desejo e não é uma abstração a ser alcançado de forma pacífica uma vez que o oprimido se descobre na opressão imposta a ele.

3.2.1 A contradição opressores-oprimidos: Sua superação

Quando o oprimido reconhece sua condição de oprimido, ou de ser menos, tal condição pode levar o mesmo a lutar por sua liberdade, segundo Freire;

[...] a luta somente tem sentido quando os oprimidos ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí a grande tarefa humanista e histórica dos opressores -libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE 1987, p. 30).

A tarefa humanista do oprimido requer dele um sentimento de amor pelo seu opressor, que não se limita ao sentimento de acomodação, mas um sentimento de entender que a

condição de opressor também faz com que sua humanização seja roubada, é o poder que o leva a ser opressor, segundo Freire “[...] não pode ter nesse poder, a força da libertação dos oprimidos nem de si mesmos”.(FREIRE 1987, p. 30).

Podemos assim afirmar que a grande superação de opressores e oprimidos está no reconhecer dos oprimidos que precisam fazer alguma coisa por sua libertação, não é uma tarefa fácil, pois o poder da opressão também está presente na ação manipuladora da consciência; o poder dos opressores para amenizar a falta de força ou a falta de “discernimento” do oprimido, é falso é sempre no sentido da manutenção de sua condição de opressão. “Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos” (FREIRE 1987, p.31).

A luta do oprimido é forte, e violenta as vezes, porque ao longo da história humana, nenhum opressor concedeu a um oprimido liberdade de forma pacífica, o poder de uns causa a debilidade de outros. Há muitos séculos o oprimido tem se visto dentro de um circo fechado com o opressor à porta, para sair do “circo” é doloroso é preciso haver uma transformação do oprimido que precisa se ver não mais numa dualidade, mas numa forte convicção de transformação do seu mundo.

Paulo Freire ainda justifica a pedagogia do oprimido, como, pedagogia dos homens que deve ter na sua essência a luta por sua libertação.

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia de homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo [...] A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvalendo o mundo da opressão e vão comprometendo-se práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p. 41).

3.2.2 A situação concreta de opressão e os opressores

Os opressores tornam-se oprimidos, quando os oprimidos se tornam liberto, isso se dá porque, aquele que outrora era opressor com a liberdade daqueles que eram oprimidos outrora, se sentem desumanizados, como se os seus direitos fossem roubados. (FREIRE 1987, p.44).

Os opressores vivem uma cultura de opressão, é um ciclo vicioso de modo que todos que vivem nesse ciclo acabam cultivando a opressão, aí surge a opressão horizontal que é também apontada por Freire nessa obra, como uma opressão advinda daqueles que estão do

nosso lado mesmo não havendo nenhuma relação de poder entre as partes. Situações de opressão horizontal: são os xingamentos, caracterizar o próximo como indolentes, incapazes, levando a pessoa a um estado de desvalia, despertando um sentimento consciente de que sua vida é um paradoxo.

“Na análise da situação concreta existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado, repetimos, pelos que tem poder”. (FREIRE 1987, p. 45).

Segundo Freire, na análise de Fromm, o opressor tem uma consciência necrófila, em Fromm, não se entende necrofilia, em um sentido sexual derivado de morte, mas, como consequência de levar uma vida sem ser verdadeiramente vivo. A intenção do opressor é de lavar o oprimido a um estado de esquecimento de sua condição, ser menos, para desumanizá-lo, para levá-lo, a morte se possível, em prol da manutenção da dominação.

3.2.3 A situação concreta de opressão e oprimidos

Quando os oprimidos não vêem uma alternativa para sua situação, e consideram tal situação, como algo dado se vendo como merecedor, não conseguem ver a si no embate com o opressor, mesmo na sua inconsciência, começa ver o opressor e a opressão, como algo normal, há um acomodamento de sua situação, é uma aceitação por parte do oprimido, de forma consciente, deixa de existir a dualidade que leva o oprimido se ver na situação de oprimido, mas se apronta para a luta que pode lhe proporcionar liberdade, isso para Freire é um fatalismo, Freire aponta ainda que é como se o opressor fosse internalizado no interior do oprimido.

Uma destas, de que já falamos rapidamente, é a dualidade existencial dos oprimidos que, “hospedando” o opressor cuja “sombra” eles “introjetam”, são eles e ao mesmo tempo são o outro. Daí que, quase sempre, enquanto não chegam a localizar o opressor concretamente, como também enquanto não cheguem a ser “consciência para si”, assumam atitudes fatalistas em face da situação concreta de opressão em que estão (FREIRE, 1987, p. 48).

Sem se dá conta de sua submissão imposta, o oprimido jamais poderá superá-la, o opressor se valera de sua condição de opressor e da aceitação pacífica do oprimido, fazendo uso dessa dualidade que é contrária à apontada por Freire nessa obra, essa dualidade não leva a libertação por que está, apenas, no opressor.

3.2.4 Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão

O que é comum entre o opressor e o oprimido é o fato de ser humano ter a vocação ser mais, que uma tentativa de sempre melhorar como humano, o oprimido ao se vê liberto da opressão, precisa ter a consciência de que o opressor também é um ser mais, é preciso evitar que aquele opressor se torne um ser menos, levando em consideração que sua libertação se deu por um processo de humanização, sendo agora um ser humanizado, consciente de seu ser, sendo humanizado, precisa pensar numa possibilidade de ajudar o antigo opressor.

Não havendo essa ação, podemos discordar se houve de fato alguma libertação, falando de uma forma simples o que houve foi na verdade uma mudança apenas em quem executava a opressão, o opressor, o oprimido agora liberto vira opressor, essa forma de agir foge da ação humana de ser mais, que está envolvida a não desumanização do outro, o homem liberto traz a consciência de que a opressão não é bom, aquele que teve sua humanização roubada, não pode despertar no seu coração o desejo de roubá-la de alguém mesmo sendo daquele que lhe oprimiu. Assim Freire sugere: “Para isto, contudo, é preciso que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também” (p.53).

Nenhuma pessoa vai a uma manifestação para se manifestar sozinha, as pessoas precisam uma das outras para que suas vidas tenham sentido, a soma das forças entre elas gera uma luta forte, é nessa comunhão que, o ser humano se constrói, e constrói seu mundo, numa ação conjunta como diz Freire uma ação com eles e não para eles.

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, "ação cultural" para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo. Opressor, este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. (FREIRE, 1987, p. 53).

A expressão freiriana “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, nos leva a pensar que nenhum de nós pode tomar a iniciativa e desenvolver mecanismo de libertação social sem o envolvimento do destinatário da ação, o oprimido.

“[...] Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros.” (FREIRE, 1987, p. 53)

3.3 Pedagogia do oprimido, segunda parte: concepção bancária da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica.

Freire começa essa parte da obra fazendo uma crítica muito importante sobre a relação educador-educando, sobre a escolha de conteúdos e a influência que essa escolha tem na vida dos educandos. Para Freire a relação educador-educando é muito especial, em qualquer nível de percepção, mas o correto seria que essa fosse uma relação interativa, mas ele aponta que essa relação tem se limitado a uma narrativa de conteúdos, e essa narrativa tem predominado na educação, sempre levando a um conceito de narrar e sempre narrar os conteúdos insistentemente.

Dessa forma valorizam-se demais os saberes do educador, que se torna agente principal dele. O educando não se manifesta na sua totalidade, não indagam; segundo Freire nessa educação da narração o educador é:

[...] como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Dai que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (FREIRE, 1987, p.57).

Essa narrativa, segundo Freire, não leva a nada apenas a memorização mecânica dos conteúdos narrados, transforma o educando em “vasilhas”, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. (FREIRE, 1987, p.58).

Na memorização o educando recebe a informação pronta memoriza e a reproduz, pelo fato de essa atividade não incitar o educando a dúvida, à busca pela significação das palavras e fatos, e ainda leva a massa a ter uma visão distorcida da relação educador-educando, essa educação não transforma o homem, essa educação aliena o homem, o leva a aceitação de ideias alheias sem o mínimo de reflexão e com diz Freire;“ [...] Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1987 p. 58)”.

Esta é a educação bancária apontada por Paulo Freire nessa obra, o educador apenas transfere os conhecimentos e valores que acha relevante ao educando, e que na maioria das vezes reflete as ideias da sociedade opressora, na educação bancária, segundo Freire (p 58);

a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam

docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos..(FREIRE, 1987 p. 58).

Freire aponta que a educação bancária esta a serviço da dominação e que nela os homens são vistos como seres adaptáveis, que podem ser ajustados num modelo ou modo social. A concepção bancária da educação, não permite que o educando construa o seu próprio ser, em si, não se desenvolve em si a capacidade crítica que lhe permite inseri-se no mundo como sujeito capaz de transformá-lo. O educador que segue essa concepção está na verdade desconstruindo a característica natural do homem que é a vocação de ser mais, é uma forma consciente ou talvez não, de neutralizá-lo da sua realidade ontológica.

3.3.1 A concepção problematizadora e libertadora da educação: Seus pressupostos

“É que, se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação” (FREIRE, 1987, p.62).

Sabendo disso o educador que tem a consciência de que a educação é o caminho pacífico para libertação, vai orientar seu educando nesse sentido, da humanização, da socialização e se incluir nesse processo como ser em construção. O educador ao envolver se na ação deve estar ao lado do educando, como diz Freire: “deve ser companheiro do educando, sua relação com o mesmo não pode ser como se tivesse a distância. O educador torna-se conciliador na sua prática, fazendo o papel que na educação bancária é impossível de ser feito, pois; “A educação “bancária”, em cuja prática se dá a inconciliação educador-educandos, rechaça este companheirismo“ (FREIRE, 1987, p. 62).

3.3.2 A concepção “bancária” e a contradição educador-educando

“Esta concepção “bancária” implica, além dos interesses já referidos, em outros aspectos que envolvem sua falsa visão dos homens. Aspectos ora explicitado, ora não, em sua prática” (FREIRE, 1987, p, 62).

A concepção bancária modula para a dominação porque aliena os homens, coloca-os num estado de aceitação, permanente, pois o educador deve pensar formas de estimular seu educando a transformação do mundo, o educador bancário não consegue ver que a comunicação pode ser um atributo contraditório à sua prática;

[...] Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes impostos. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade. (FREIRE, 1987, p.64).

A comunicação que compete a educação bancária está também a serviço da dominação já mencionada, e é uma contradição entre educador e educando, não serve como ponto de partida para a libertação nem do educando que não vai encontrar um ensino que lhe vai atribuir entendimento, às questões fundamentais para sua inserção no mundo, e nem do educador, que vai continuar a serviço de uma minoria que pensa para uma minoria, o caminho é sempre o contrário,

Seu ânimo é justamente o contrário - o de controlar o pensar e a ação, levando os homens ao ajustamento ao mundo. É inibir o poder de criar, de atuar. Mas, ao fazer isto, ao obstaculizar a atuação dos homens, como sujeitos de sua ação, como seres de opção, frustra os (FREIRE, 1987, p.65)

Aqueles que mantêm a educação bancária ou não acredita na capacidade do homem, que ver a inconclusão como fraqueza ou incapacidade estarão sempre ameaçados pela possível reação do oprimido. Paulo Freire aponta como deve ser a libertação dos homens, que caminho deve se seguir,

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1987, p. 67).

“Ao contrário da “bancária”, a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e existência à comunicação” [...] (FREIRE, 1987, p.67).

3.3.3 Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo

A educação que investiga que possibilita que leva a manifestação da discordância no sentido de qualificar, para melhorar os indivíduos, colocá-los como seres atuante capazes de modificar mundo pela ação e o pensar, não como seres estático no mundo, só terá sentido se for assistida pelo homem, em grupo para que atinja diferentes ideias e pensamentos modificando-os ou não. A mediação do mundo influencia na educação do homem a partir do momento em que este se incorpora aos movimentos provenientes das lutas de classes onde, diretamente o ser humano é afetado, pelas ações que toma e pelas reações de suas ações, também pela participação do mesmo, nos acontecimentos históricos do mundo.

Para que, “os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” é necessário que aja uma ação tripla, educador educando e as interações de ambos no mundo, as interações com o mundo pode se tornar o objeto de estudo numa ação conjunta tendo como objetivo a libertação do educador e educando.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1987. p. 68).

“[...] Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos”. (FREIRE, 1987, p. 69).

Ninguém educa ninguém, há na educação bancária a ideia de que o educador pode educar o sujeito colocando nele seus próprios saberes, sem a inserção do mesmo no processo, os objetos cognitivos descritos por Freire, ficam apenas no domínio do educador, fazendo dele um ser dominante, pela falsa impressão de educar, assim não há relação entre educador e educando na busca do sujeito cognitivo, politizado capaz de compreender e interferir no mundo.

A educação problematizadora na qual todos nós deveríamos nos render proporciona ao educador e ao educando a oportunidade de discutir a prática, num processo de descoberta conjunta na ampliação cognitiva, potencializando o diálogo nas relações, e reafirmando a contradição à educação bancária. “Compreender e interferir no mundo” é uma questão que

continua atual e necessária nos processos educativos. Nos tempos que vivemos hoje, não é suficiente a postura de viver processos educativos sem relação com o mundo real, ou seja, não se sustenta o conhecimento descomprometido. E esta é uma das maiores contribuições do pensamento de Paulo Freire.

“Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio [...]” (70). É difícil acreditar que estamos concluindo um período de formação em pedagogia, portanto um curso que tem como eixo de sua ação profissional exatamente a alfabetização de pessoas e durante nossa formação esse debate não incomodou os docentes e discentes do curso. Aliás, entre nós discentes, em nossos debates, discutimos muitas questões

A educação para a opressão complementa o homem abstrato, vazio, isolado, solto, desligado do mundo. A educação problematizadora permite ao educador criar possibilidades pensando não só no educando, mas em si, como possibilidades transformadoras do ser e do mundo.

A consciência da inconclusão é importante para o educador conscientizar-se que, não é dono do saber e que não cabe a ele pensar sozinho a educação que pretende passar a outros, justamente pelo fato de que embora seja educador ele nunca vai ser um ser completo, para que a educação tenha sentido é necessário manter essa consciência que é natural do ser humano, a história mostra claramente a inconclusão do homem, sua luta histórica sempre cobra dele sua melhoria e aperfeiçoamento de suas práticas e Freire aponta que historicamente o homem tem se reconhecido nessas condições, e é um dos fatos que o faz mobilizar-se;

[...] Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade. (FREIRE, 1987, p. 73).

Paulo Freire, conclui o segundo capítulo dessa obra, mostrando a contradição entre a educação bancária que tem o objetivo de depositar no educando saberes sem reflexões, com objetivo maior que é a dominação através das ideias. E a educação problematizadora, que capacita o sujeito tornando o eficiente no mundo.

“A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade”. (FREIRE, 1987, p. 73).

Segundo Paulo Freire, ao se apropriarem da tomada de consciência, o homem pode ser transformado por ela, e assim a opressão não suportaria o “porque” proferido pelo oprimido. (FREIRE 1987, p. 74 e 75).

3.4 pedagogias do oprimido terceira parte, a dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade

Ao viver no mundo o homem precisa traduzi-lo, pronunciá-lo, essa pronuncia é impossível de acontecer, sem uma relação homem mundo e o outro, acontece no dialogo. Para Freire na concepção bancaria da educação, o dialogo acontece, mas não há uma relação entre os saberes do educador educando e o mundo, isso constitui, bloqueio do direito que o outro tem de falar.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 1987, p. 78).

O diálogo é permitido apenas na educação problematizadora, pois nela o educador o educando se relaciona com o mundo, há uma troca, com seus conhecimentos o educador, juntamente com os conhecimentos do educando dialogam com o conteúdo, no sentido de entendê-lo, modificá-lo ou afirmá-lo. “Assim o diálogo quando proferido por ambas as partes faz com que os homens ganham significação, assim como afirma Freire e é também, uma exigência existencial” (FREIRE, 1987, p.79).

3.4.1 A educação dialógica e o dialogo

Um ato de amor, assim Freire define o diálogo na relação homem e mundo, assim, esse amor ao outro ajuda na pronuncia que fazemos do mundo, segundo Freire esse é um ato de criação e recriação, só é possível se houver amor. Mas de que amor fala Paulo Freire nesse contexto? Entendemos que, educar é um ato de amor, amor a liberdade do próximo, uma educação feita e ministrada para liberdade.

Como “o amor é também diálogo” nas palavras de Freire, torna essencial na luta pela liberdade.

O amor, [...]é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 1987, p. 80).

“Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido” (FREIRE 1987, p.80).

O dialogo também é motivado por uma forte fé nos homens, na busca pela liberdade, o acreditar nos homens na sua capacidade, no seu poder de ação e reação, nas palavras de Freire: “O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade”. (FREIRE, 1987, p. 80).

Isso justifica a comparação de que, o diálogo é um ato de amor, tanto na organização, quanto na execução da ação. Norteados pelo amor, na humildade e na fé que temos nos homens com sua capacidade de criação, o diálogo traz esperança, motiva, encoraja o sujeito, que pode aí ter encontrado a forma para a superação.

“Se o diálogo é o encontro dos homens para Ser Mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso” (FREIRE, 1987, p. 82).

O educador precisa pensar que sua pratica deve ser construir conhecimentos, e não apenas transmiti-los, para se ter essa noção o dialogo começa nas coletas dos conteúdos programáticos isso pode ser entendido que o educador precisa dialogar primeiro consigo mesmo, pensar numa educação como prática da liberdade, que se faz com o educando, não para o educando, mediatizados pelo mundo. Freire novamente volta à comparação;

Para o “educador-bancário”, na sua antidialógica, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos. E a esta pergunta responderá ele mesmo, organizando seu programa. (FREIRE, 1987, p. 83).

Assim Freire desfaz a pratica da educação bancaria que não proporciona possibilidades para os dois lados.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 1987, p. 83).

Já o educador que se ver um educando, que reconhece que ele também esta em construção, se inclui na construção do saber, assim o conhecimento proporcionado pelos conteúdos programáticos é para ele também não só para o educando.

Para Freire (1987, p. 84), “A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele”. É ingênuo o pensamento de que a educação possa ter algum resultado positivo se na sua programação, for ignorada a particular visão de mundo que esteja tendo o povo, não considerar isso torna-se uma invasão cultural, causa divisão não a integração. (FREIRE, 1987, p. 86).

3.4.2 As relações homens-mundo, os temas geradores e o conteúdo programático desta educação

Claro que cada um de nós tem nossas visões de mundo no qual estamos inseridos, mesmo assim o educador não pode jamais inserir no povo sua visão de mundo como solução para os problemas existentes no seu mundo, o educador precisa diante dos temas geradores elaborar conteúdos que traga o envolvimento do diálogo como um método de busca, para enfrentamento das demandas apontadas a partir da identificação e discussão dos temas geradores.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas, dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. (FREIRE, 1987, p. 87).

Assim pode ser que tanto o educador como o político ao falar ao povo possa ser compreendido e suas palavras não soe como ferramenta de dominação. “Para Freire é impossível que educador e político possam ter êxito em suas ações se não houver um pensa na situação existencial de ambos, isso é importante para que a comunicação seja eficiente como instrumento de libertação” (FREIRE, p. 87).

O homem ao lidar com seus próprios temas geradores acaba criando outros temas geradores, em suas ações, em suas angústias, nas soluções que encontra para superar seus desafios, nos novos desafios, para Freire isso é o que distingue o homem dos demais animais. “Porque, ao contrário do animal, os homens podem tridimensionalizar o tempo (passado-presente e futuro) que, contudo, não são departamentos estanques”. (FREIRE, 1987, p. 92).

Por isso é que o educador na ação libertadora precisa pensar no tema gerador abordado pelo seu educando sempre como uma nova possibilidade.

“Frente a este “universo” de temas que dialeticamente se contradizem, os homens tornam suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança” (FREIRE, 1987, p. 95).

3.4.3 A investigação dos temas geradores e sua metodologia

Na investigação dos temas geradores é fundamental que o educador busque a compreensão de forma crítica da totalidade, para Freire não havendo essa compreensão não é possível conhecer totalmente a situação-limite a ser superada. Freire aponta que:

[...] Deste modo, a análise crítica de uma dimensão significativo-existencial possibilita aos indivíduos uma nova postura, também crítica, em face das “situações-limites”. A captação e a compreensão da realidade se refazem, ganhando um nível que até então não tinham. Os homens tendem a perceber que sua compreensão e que a “razão” da realidade não estão fora dela, como, por sua vez, ela não se encontra deles dicotomizada, como se fosse um mundo à parte, misterioso e estranho, que os esmagasse. (FREIRE, 1987, p.96).

Há nas questões fundamentais do homem a necessidade da criticidade diante dos temas geradores, é importante pensar nas dimensões da totalidade analisada para sua compreensão.

Neste sentido é que a investigação do “tema gerador”, que se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação) se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo. (FREIRE, 1987, p. 97).

“Em todas as etapas da descodificação, estarão os homens exteriorizando sua visão do mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade.” (FREIRE, 1987, p. 98).

Diante dessa análise crítica da situação codificada de uma situação existencial, é que os homens, segundo Freire, descobrem que os temas geradores não estão isolados nos homens isolados das suas realidades, que eles são consequência de suas ações constituídas, não são abstratos, embora para sua melhor compreensão precisamos partir da abstração em busca daquilo é concreto. Para Paulo Freire a investigação que se faz dos temas geradores é o mesmo

que: “[...] é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é suas práxis”. (FREIRE, 1987, p. 98).

3.4.4A significação conscientizadora da investigação dos temas geradores os vários momentos da investigação

Agora que o homem se descobriu e descobriu a si mesmo, que possivelmente já saiba qual seu lugar no cosmo, já compreende a que veio ao mundo, e que precisa compreender o mundo para se descobrir, começa entender que precisa como ser atuante “investigar” nas palavras de Freire, que pode ser pesquisar, a constituição de tudo que existe no mundo para a compreensão clara de tudo ao seu redor e que lhe complementa, esta investigação minuciosa das coisas pode levar o investigador a descobrir se como investigador aumentando sua criticidade e a compreensão da totalidade descobertas pelas investigações. Para Freire,

A investigação temática, que se dá no domínio do humano e não no das coisas, não pode reduzir se a um ato mecânico. Sendo processo de busca, de conhecimento, por isto tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas. (FREIRE, 1987, p. 100).

“Por isto é que a investigação se fará tão mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões “focalistas” da realidade, se fixe na compreensão da totalidade”. (FREIRE, 1987, p. 100).

Não há como fazer uma investigação isolada daquele que é o maior interessado nos saberes, nas descobertas que se faz acerca dele mesmo, o povo.

A investigação temática, que se dá no domínio do humano e não no das coisas, não pode criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas. Por isto é que a investigação se fará tão mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões “focalistas” da realidade, se fixe na compreensão da totalidade. (FREIRE, 1987, p.101).

O educador dono do estímulo não do saber, para levar seu educando a essa busca, a esta investigação também precisa se ver como investigador e não se prender a apenas no resultado da investigação esse resultado deve voltar como novas perguntas, novas problemáticas.

“A tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático, recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu”. (FREIRE, 1987, p. 102).

Se, na etapa da alfabetização, a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a “palavra geradora”, na pós-alfabetização, busca e investiga o “tema gerador”. Numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade. (FREIRE, 1987, p. 102, 103).

Para iniciar uma investigação o investigador precisa tomar alguns cuidados, delimitar uma área de atuação advinda de fontes secundárias, lembrando que essas fontes são as mesmas fontes a ser investigadas, são as ações do homem, os temas geradores.

Delimitada a área em que se vai trabalhar, conhecida através de fontes secundárias, começam os investigadores a primeira etapa de investigação. Esta, como todo começo em qualquer atividade no domínio do humano, pode apresentar dificuldades e riscos. Riscos e dificuldades normais, até certo ponto, ainda que nem sempre existentes, na aproximação primeira que fazem os investigadores aos indivíduos da área. É que, neste encontro, os investigadores necessitam de obter que um número significativo de pessoas aceite uma conversa informal com eles, em que lhes falarão dos objetivos de sua presença na área. Na qual dirão o porquê, o como e o para que da investigação que pretendem realizar e que não podem fazê-lo se não se estabelece uma relação de simpatia e confiança mútuas. No caso de aceitarem a reunião, e de nesta aderirem, não só à investigação, mas ao processo que se segue devem os investigadores estimular os presentes para que, dentre eles, apareçam os que queiram participar diretamente do processo da investigação como seus auxiliares. Desta forma, esta se inicia com um diálogo às claras entre todos. (FREIRE, 1987, p. 103).

Ao investigar ou chegar ao local de investigação sempre levar em conta o diz Freire. “Ao lado deste trabalho da equipe local, os investigadores iniciam suas visitas a área, sempre autêntica-mente, nunca forçadamente, como observadores simpáticos. Por isso mesmo, com atitudes compreensivas em face do que observam”. (FREIRE, 1987, p. 104).

Neste sentido é que, desde o começo, a investigação temática se vai expressando como um que fazer educativo. Como ação cultural. Em suas visitas os investigadores vão fixando sua “mirada” crítica na área em estudo, como se ela fosse, para eles, uma espécie de enorme e sui-generis “codificação” ao vivo, que os desafia. Por isto mesmo, visualizando a área como totalidade, tentarão, visita após visita, realizar a “cisão” desta, na análise das dimensões parciais que os vão impactando. (FREIRE 1987, p. 104).

Em cada etapa da investigação é apropriado uma reunião para apresentação dos achados, para melhor compreensão das relações e para saber em que ponto os investigados deva ser participe dela.

A propósito de cada uma destas visitas de observação compreensiva devem os investigadores redigir um pequeno relatório, cujo conteúdo é discutido pela equipe, em seminário, no qual se vão avaliando os achados quer dos investigadores profissionais, quer dos auxiliares da investigação, representantes do povo, nestas primeiras observações que realizaram. Dai que este seminário de avaliação deva realizar-se, se possível a Arca de trabalho, para que possam estes participar dele. (FREIRE, 1987, p. 105).

As investigações são importantes para o educador porque proporciona a ele a melhor compreensão da realidade para elaboração do conteúdo programático a ser debatidos e desconstruídos juntos aos seus educandos, é justamente diante dos resultados das investigações é que se podem tomar decisões que envolva a vida de outros, desse modo Freire aponta que:

Poderíamos pensar que, nesta primeira etapa da investigação, ao se apropriarem, através de suas observações, dos núcleos centrais daquelas contradições, os investigadores já estariam capacitados para organizar o conteúdo programático da ação educativa. Realmente, se o conteúdo desta ação reflete as contradições, indiscutivelmente estará constituído da temática significativa da área. (FREIRE, 1987, p.106).

“Por isto é que, embora as “situações-limites” sejam realidades objetivas e estejam provocando necessidades nos indivíduos, se impõe investigar, com eles, a consciência que delas tenham”. (FREIRE, 1987, p. 107).

A segunda etapa da investigação acontece quando se tem bem definido os temas geradores captados na primeira etapa da investigação. Ao apresentar as contradições é importante que, “[...] sempre em equipe, escolherão algumas destas contradições, com que serão elaboradas as codificações que vão servir à investigação temática.” (FREIRE, 1987, p. 108).

Na devolução da investigação como conteúdos programáticos que os indivíduos se vejam nesse contexto, porque o objetivo da investigação é apresentar mecanismo para solução dos problemas enfrentados pelos próprios indivíduos, se o indivíduo não sabe ler nem escrever e isso foi identificado, o método para que ele possa aprender a ler e escrever deve sempre incluir suas próprias ações do seu dia – dia,

Uma primeira condição a ser cumprida é que, necessariamente, devem representar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que as faz

reconhecíveis por eles, possibilitando, desta forma, que nelas se reconheçam. Não seria possível, nem no processo da investigação, nem nas primeiras fases do que a ele se segue o da devolução da temática significativa como conteúdo programático, propor representações de realidades estranhas aos indivíduos. (FREIRE, 1987, p. 108).

Na terceira e última parte da investigação, agora com os temas geradores bem definidos é hora de apontar os mecanismos ou conteúdos programáticos para ser estudado, o objetivo principal desta última etapa “[...] é preparar os homens conscientizá-los no plano da ação, na luta que enfrenta todos os dias em busca de sua humanização” (FREIRE, 1987, p. 114).

Estes temas devem ser classificados num quadro geral de ciências, sem que isto signifique, contudo, que sejam vistos, na futura elaboração do programa, como fazendo parte de departamentos estanques. Significa, apenas, que há uma visão mais específica, central, de um tema, conforme a sua situação num domínio qualquer das especializações. O tema do desenvolvimento, por exemplo, ainda que situado no domínio da economia, não lhe é exclusivo. Receberia, assim, o enfoque da sociologia, da antropologia, como da psicologia social, interessadas na questão do câmbio cultural, na mudança de atitudes, nos valores, que interessam, igualmente, a uma filosofia do desenvolvimento. (FREIRE, 1987, p. 114 e 115).

Feita a delimitação temática, caberá a cada especialista, dentro de seu campo, apresentar à equipe interdisciplinar o projeto de “redução” de seu tema. (FREIRE, p. 115).

Preparado todo este material, a que se juntariam pré-livros sobre toda esta temática, estará a equipe de educadores apta a devolvê-la ao povo, sistematizada e ampliada. Temática que, sendo dele, volta agora a ele, como problemas a serem decifrados, jamais como conteúdo a serem depositados. O primeiro trabalho dos educadores de base será a apresentação do programa geral da campanha a iniciar-se. Programa em que o povo se encontrará, de que não se sentirá estranho, pois que dele saiu. (FREIRE, 1987, p. 119).

A apresentação dos temas geradores vai dando a oportunidade para se chegar ao nível de conscientização que as pessoas de uma determinada comunidade têm sobre as suas realidades e pode também, com eles não para eles, propor soluções para fixar em suas mentes que é possível com o reconhecimento de sua realidade uma tomada de ações para confrontar a situação.

3.5 pedagogias do oprimido quarta parte, a teoria da ação antidialógica

Nesse capítulo da obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire volta às discussões dos capítulos anteriores para compreensão de alguns entendimentos, e para esclarecer algumas

afirmações. Assim Freire começa reafirmando aquilo que é temática principal de sua obra, que é objeto da análise de muitos estudiosos.

[...] os homens são seres da práxis. São seres do que fazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do que fazer, “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-la e transformá-la com seu trabalho. (FREIRE, 1987, p. 121).

“Mas, se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo.” (FREIRE 1987, p. 121).

Esta é a característica principal do homem, refletir agindo para transformar. É importante, pois para Freire, para transformar uma situação dada, é necessário a revolução, mas uma revolução inteligente com reflexão e ação advinda da práxis que é o fundamento principal da existência humana. A revolução que é a ação contrária ao que está sendo dado, deve ser um instrumento para a transformação, se manifesta na sociedade quando o direito de manifestação cultural, econômico, social são negados.

“Na práxis revolucionária há uma unidade, em que a liderança – sem que isto signifique diminuição de sua responsabilidade coordenadora e, em certos momentos, diretora – não pode ter nas massas oprimidas o objeto de sua posse” (FREIRE, 1987, p. 123).

[...] Nesta teoria da ação, exatamente porque é revolucionária, não é possível falar nem em ator, no singular, nem apenas em atores, no plural, mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação. Negá-la, no processo revolucionário, evitando, por isto mesmo, o diálogo com o povo em nome da necessidade de “organizá-lo”, de fortalecer o poder revolucionário, de assegurar uma frente coesa é, nu fundo, temer a liberdade. É temer o próprio povo ou não crer nele. Mas, ao se descrer do povo, ao temê-lo, a revolução perde sua razão de ser. É que ela nem pode ser feita para o povo pela liderança, nem por ele, para ela, mas por ambos, numa solidariedade que não pode ser quebrada. E esta solidariedade somente nasce no testemunho que a liderança dá a ele, no encontro humilde, amoroso e corajoso com ele. (FREIRE, 1987, p. 126).

Não há liderança na práxis revolucionária que não apegue ao diálogo, se não for assim à ação estará a serviço da dominação, que tem como objetivo matar o direito dos homens de agir como ser que pensa seus próprios atos, a liderança precisa existir com as massas não para as massas. É primordial que as lideranças revolucionárias estimulem os oprimidos e aponte os motivos a que os oprime, criando problematizações acerca dos objetos usados pelo dominante também na sua práxis, que os leva a ser oprimido.

A teoria da ação antidialógica e suas características: a conquista, dividir para manter a opressão, a manipulação e a invasão cultural

O dominador na sua ação antidialógica tenta a todo custo a manutenção de sua conquista a de tirar dos homens o seu direito de ver o mundo e questioná-lo sua ação é sempre no intuito de manter a cegueira imposta a seus dominados.

[...] O sujeito da conquista determina sua finalidade ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. Este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um ser como dissemos já, “hospedeiro” do outro. (FREIRE, 1987, p. 135).

A ação dialógica é indispensável na luta pela libertação não importa o mecanismo que esteja sendo utilizada, a educação, as manifestações nas ruas, em grupos isolados, ou individualmente, o diálogo não pode ser ignorado nas relações humanas. Uma vez que há a oportunidade de se manifestar este é uma conquista fundamental dos indivíduos na luta pela liberdade.

Assim como a ação antidialógica, de que o ato de conquistar é essencial, é um simultâneo da situação real, concreta, de opressão, a ação dialógica é indispensável à superação revolucionária da situação concreta de opressão [...] O antidialógico se impõe ao opressor, na situação objetiva de opressão, para, pela conquista, oprimir mais, não só economicamente, mas culturalmente, roubando ao oprimido conquistado sua palavra também, sua expressividade, sua cultura. (FREIRE, 1987, p. 135-136).

Paulo Freire aponta os mecanismos usados pelos opressores na manutenção da opressão o falso mundo destacado por Freire para dominação, o objetivo aqui é oprimir é manter cada vez mais as pessoas alienadas a uma esperança falsa de liberdade em todos os campos sociais.

[...] O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-la e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a “civilização ocidental e cristã”, que elas defendem da “barbárie materialista”. O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda que, no plano das nações, mereceu segura advertência de João XXIII. O mito de que as elites dominadoras, “no reconhecimento de seus deveres”, são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. O mito de que a rebelião do povo é um pecado contra Deus. O mito da propriedade privada, como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da

oprosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e o da superioridade daqueles. (FREIRE, 1987, p. 137).

“Em verdade finalmente, não há realidade opressora que não seja necessariamente antidialógica, como não há antialogicidade em que o pólo dos opressores não se empenhe, incansavelmente, na permanente conquista dos oprimidos” (FREIRE, 1987, p.138).

3.5.1 Dividir para manter a opressão

É a ideia de que quanto mais dissolvida tiver a sociedade mais fácil será a dominação, a união pode oferecer ameaça a ação dominante. É importante dizermos que embora essa seja ainda nos dias atuais uma situação real, muitos dos conflitos sociais descritos por Paulo Freire, sofreram enfrentamentos e muitos foram superados, com resultados, outros ainda hoje persistem, e se modernizaram e são mais sutis causa sofrimentos às pessoas da mesma forma.

“O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos. (FREIRE, 1987, p.138).

Nessa dimensão os conceitos de união, planejamento, organização para enfrentamento são considerados meros atitudes de revoltas são taxadas como são vistos como ação para a desordem. Em tempos atuais a mídia faz esse papel de criminalizar as manifestações sociais, facilmente se nota a atitude da mídia quando uma ou outra categoria governamental ou não, reivindica algum direito que está sendo negado.

A necessidade de dividir para facilitar a manutenção do estado opressor se manifesta em todas as ações da classe dominadora. Sua interferência nos sindicatos, favorecendo a certos “representantes” da classe dominada que, no fundo, são seus representantes, e não de seus companheiros; a “promoção” de indivíduos que, revelando certo poder de liderança, podiam significar ameaça e que, “promovidos”, se tornam “amaciados”; a distribuição de benesses para uns e de dureza para outros, tudo são formas de dividir para manter a “ordem” que lhes interessa. Formas de ação que incidem, direta ou indiretamente, sobre um dos pontos débeis dos oprimidos: a sua insegurança vital que, por sua vez, já é fruto da realidade opressora em que se constituem. (FREIRE, 1987, p. 141).

“Dividir para manter o *status quo* se impõe, pois, como fundamental objetivo da teoria da ação dominadora, antidialógico.” (FREIRE, 1987, p. 143).

3.5.2 Manipulação

É uma dimensão importante para as massas dominantes, seu papel a serviço da ação antidialógica é tenta passar a falsa impressão de que tudo esta muito bem. No intuito de conformar a massas populares dominadas por uma ação imposta, uma ação que busca o esgotamento para que não haja lutas ou resistências.

A manipulação se impõe nestas fases como instrumento fundamental para a manutenção da dominação. [...], A manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de “organização”, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo.(FREIRE, 1987, p. 145).

“A manipulação, com toda a sua série de engodos e promessas, encontra aí, quase sempre, um bom terreno para vingar.” (FREIRE, 1987, p. 146).

Sendo assim cabe as lideranças revolucionárias no seio de suas dimensões programar ações de vingança ou de enfrentamento uma vez que a dimensão para dominação, a manipulação mostra se frágil.

3.5.3 Invasão Cultural

Essa dimensão também a serviço da dominação da ação antidialogica, tem como características a desvalorização das potencialidades do ser, pois segundo Freire: “[...] a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo,” (FREIRE, 1987, p. 149).

Nessa dimensão o opressor impõe sobre o oprimido seus pensamentos de mundo, mas não no sentido de socializar pensamentos, de pensar juntos, essa relação não existe entre opressor e oprimido. No sentido de bloquear totalmente o sujeito conquistado. Trata de uma invasão, o sujeito conquistado ou o alvo da dominação, tem apenas a obrigação de aceitar tudo que lhe é imposto.

Por isto é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores. (FREIRE, 1987, p. 149 e 150).

Essa é uma invasão cínica, mentirosa causa a falsa impressão de ajuda, mas na realidade é uma tática de dominação uma de suas faces.

Na invasão cultural a única preocupação do invasor em ouvir o invadido é para poder pensar estratégias de dominá-lo mais ainda, o trabalho dos invasores ou opressor é fazer com que os invadidos pensem e ver como eles para que não haja descontentamento e a possibilidade de manifestação, a possibilidade de o invadido ou o oprimido perceba sua condição e comece a contestá-la.

A invasão cultural implica ainda, por tudo isto, em que o ponto de decisão da ação dos invadidos está fora deles e nos dominadores invasores. E, enquanto a decisão não está em quem deve decidir, mas fora dele, este apenas tem a ilusão de que decide. Esta é a razão por que não pode haver desenvolvimento sócio-econômico em nenhuma sociedade dual, reflexa, invadida. (FREIRE, 1987, p. 158).

“Os oprimidos só começam a desenvolverem-se quando, superando a contradição em que se acham, se fazem “seres para si”. (FREIRE, 1987, p. 159).

Paulo Freire volta nessa parte a falar da superação do oprimido, para isso ele precisa se reconhecer na sua condição de oprimido precisa se descobrir nessa condição precisa desprender das ideias do opressor que, a todo instante tenta fazer com que o oprimido se ver numa condição permanente, necrófila de dominação, para Freire,

Sem crerem em si mesmos, destruídas, desesperançadas, estas massas, dificilmente, buscam a sua libertação, em cujo ato de rebeldia podem ver, inclusive, uma ruptura desobediente com a vontade de Deus – uma espécie de enfrentamento indevido com o destino. (FREIRE, 1987, p. 162).

“No segundo caso, isto é, quando já ganharam a “clareza” ou uma quase “clareza” da opressão, o que as leva a localizar o opressor fora delas, aceitam a luta para superar a contradição em que estão”. (FREIRE, 1987, p. 162).

3.5.4 Co-Laboração

Essa dimensão da ação dialógica existe para que os sujeitos atuem na transformação do mundo. “Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, o sujeito deve estar alinhado rumo a pronúncia do mundo, para a sua transformação” (FREIRE, 1987, p. 166).

Se as massas populares dominadas, por todas as considerações já feitas, se acham incapazes, num certo momento histórico, de atender a sua vocação de ser sujeito, será, pela problematização de sua própria opressão, que implica sempre numa forma qualquer de ação, que elas poderão fazê-lo. (FREIRE, 1987, p. 166)

Não quer dizer que não haja a ocupação da liderança revolucionária, que dizer que essa liderança deve ser feita com as massas não para as massas porque isso não mudaria nada, continuaria como na ação antidialógica, porque a lideranças revolucionárias não pode se sentir dona das massas.

“O diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração. Na teoria da ação dialógica, não há lugar para a conquista das massas aos ideais revolucionários, mas para a sua adesão.” (FREIRE, 1987, p. 166).

A liderança revolucionária deve confiar nas massas populares, precisa acreditar que possam ser capazes, nunca pode haver desconfianças porque não pode impor nada, a liderança tem que ser feita com a colaboração das massas. “Por isto mesmo, esta liderança, não podendo ser ingênua, tem de estar atenta Quanto a estas possibilidades.”(FREIRE. 1987 p. 168).

3.5.5 Unir para a libertação

Este é um trabalho da ação dialógica, no intuito de unir as massas para enfrentar a opressão, trata de um esforço importante para libertação, o grande desafio dessa dimensão assim como quase todas as outras para libertação, é que dependem exclusivamente da consciência dos oprimidos para se concretizar, justamente porque se encontra sob o poder dominante, a liderança precisa pensar num trabalho de resgate, mas sem impor nenhuma ação de poder. Isso por que:

Se, para a elite dominadora, lhe é fácil, ou pelo menos, não tão difícil, a práxis opressora, já, não é o mesmo o que se verifica com a liderança revolucionária, ao tentar a práxis libertadora. Enquanto a primeira conta com os instrumentos do poder, a segunda se encontra sob a força deste poder. (FREIRE, 1987, p. 171).

“A primeira se organiza livremente [...] se unifica rapidamente em face, de qualquer ameaça a seus interesses fundamentais. A segunda, que não existe sem as massas populares, [...]” (FREIRE, 1987, p. 171).

A primeira ainda se organiza no seu antagonismo, numa força contrária muito pertinente, atribuído ao poder que detém a segunda na tentativa de se defender se libertar se vale da comunhão entre si desse modo precisa manter se unida.

Esta porem não é uma ação fácil, mas precisa ser feito para ampliar os caminhos para a libertação a união das massas oprimidas tende a surgir segundo Freire:

A união dos oprimidos é um que fazer que se dá, no domínio do humano e não no das coisas. Verifica-se, por isto mesmo; na realidade que só estará sendo autenticamente compreendida, quando captada na dialeticidade entre a infra e supra estrutura. Para que os oprimidos se unam entre si, é preciso que cortem o cordão umbilical, de caráter mágico e mítico, através do qual se encontram ligados ao mundo da opressão. A união entre eles não pode ter a mesma natureza das suas relações com esse mundo. (FREIRE, 1987 p. 174).

“Ação cultural, cuja prática para conseguir a unidade dos oprimidos vai depender da experiência histórica e existencial que eles estejam tendo, nesta ou naquela estrutura”. (FREIRE, 1987, p. 174).

3.5.6 Organização

“Enquanto, na teoria da ação antidialógica, a manipulação, que serve à conquista, se impõe como condição indispensável ao ato dominador, na teoria dialógica da ação, vamos encontrar, como que oposto antagônico, a organização das massas populares”. (FREIRE, p. 145).

Na organização de todas as tarefas a serem executadas se busca também o testemunho das massas oprimidas e o interessante é que Freire ao mencionar essa questão coloca a liderança revolucionária como um terceiro ser que esta entre as massas dominadas e os dominadores, exercendo essa busca tanto da união como também colaboração para liberdade.

O que pode variar, em função das condições históricas de uma dada sociedade, é o modo como testemunhar. O testemunho em si, porém, é um constituinte da ação revolucionária. Por isto mesmo é que se impõe a necessidade de um conhecimento tanto quanto possível cada vez mais crítico do momento histórico em que se dá a ação, da visão do mundo que tenham ou estejam tendo as massas populares, da percepção clara de qual seja a contradição principal e o principal aspecto da contradição que vive a sociedade, para se determinar o que e o como do testemunho. (FREIRE, 1987, p.175).

“Sendo históricas estas dimensões do testemunho, o dialógico, que é dialético, não pode importá-las simplesmente de outros contextos sem uma prévia análise do seu. A não ser assim, absolutiza o relativo e, mitificando-o, não pode escapar à alienação.” (FREIRE, 1987, p. 175).

Quando as massas populares aceitam a manipulação na ação dialógica isso facilita o processo, pois pode proporcionar possibilidades. “A organização das massas populares em classe é o processo no qual a liderança revolucionária, tão proibida quanto este, de dizer sua

palavra instaura o aprendizado da pronúncia do mundo, [...] por isto, dialógico.” (FREIRE, 1987, p. 177).

3.5.7 Síntese Cultural

Nesse quarto capítulo da obra pedagogia do oprimido Paulo Freire faz a seguinte afirmação do que seria o teor das ações que foram manipuladas ao longo das décadas para desconstruir sistema opressor que se instalou no Brasil desde 1500 pela burguesia, e até tempos recentes com ditadura que contribuiu para o estudo dessa obra.

[...], que toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la (FREIRE, 1987 p. 178).

A ação cultural como todas as outras dimensões têm sua dualidade pode estar a serviço da dominação consciente ou não, ou está a serviço da libertação. Para Freire;

“Ambas, dialeticamente antagônicas, se processam, como afirmamos, na e sobre a estrutura social, que se constitui na dialeticidade permanência-mudança” (FREIRE, 1987, p. 179).

Por outro lado, a ação cultural antidialógica o que pretende é mitificar o mundo destas contradições para, assim, evitar ou obstaculizar, tanto quanto possível, a radical transformação da realidade. No fundo, o que se acha explícita ou implicitamente na ação antidialógica é a intenção de fazer permanecer, na “estrutura” social, as situações que favorecem as suas agentes. (FREIRE, 1987, p. 179).

Durante toda a quarta parte desse trabalho apontamos segundo Paulo Freire as ações que o ser oprimido deve tomar para enfrentar o sistema opressor, as características da ação dominadora e da ação das massas dominadas ambas com seu antagonismo. Segundo Paulo Freire “Todo [...] esforço neste ensaio foi falar desta coisa óbvia: assim como o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos para se libertarem, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação” (FREIRE, 1987, p. 185)

Após o estudo da obra, apresenta-se a seguir um debate sobre a implantação do curso de pedagogia no Brasil e algumas reflexões acerca da formação do educador mediado por nossas práticas durante o período de formação na universidade.

4 DEBATE A CERCA DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NA ATUALIDADE E EXPERIENCIA NA ACADEMIA

Neste capítulo estaremos fazendo um debate à cerca da formação do pedagogo na atualidade, observando as práticas docentes, os desafios da docência, para isso voltaremos algumas vezes aos capítulos anteriores para entendimentos de algumas colocações que irão surgindo. Para começar vamos destacar alguns conceitos de criação e implantação do curso de pedagogia no Brasil. A identidade do curso leis e diretrizes que o normaliza e movimentos acerca de sua criação.

4.1 O curso de pedagogia

O ponto de partida para a criação do Curso de Pedagogia foi na Faculdade de Educação e Centros de Educação em todo, lá em suas origens e na atualidade os debates na perspectiva da ANFOPE, para quem “o Curso de Pedagogia, nos anos 90, emergiu como o principal lócus de formação docente dos educadores para atuar na educação básica, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental” (ANFOPE, 1998).

“Tendo como importantes datas de identidade do Curso de Pedagogia no Brasil, tais como: Decreto-Lei nº 1.190 de 1939, que instituiu o Curso no interior da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil”; “[...] o Parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) nº 251 de 1962, que estabeleceu o currículo mínimo e duração do curso”; “[...] o Parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) nº 252 de 1969, que fixa o currículo mínimo e a duração do curso”; e “[...] a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE), nº 1, de 10 de abril de 2006, que fixa as Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia”. (SILVA, 1999)

Com a intensa mobilização por meio de conferências, congressos e encontros em seminários para discussão a respeito do curso de pedagogia, que transformou a Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação dos educadores (CONARCFE), que fora convertida em Associação Nacional pela Formação dos profissionais da Educação (ANFOPE).

Esse movimento tendo líderes educadores possibilitou maior envolvimento e credibilidade, pois, poderiam contribuir na qualidade da formação de professores no país.

Assim sendo, o Conselho Federal de Educação recebeu por parte de educadores propostas curriculares que implantaram nos cursos de Pedagogia a ideia de docência destinados aos anos iniciais do ensino fundamental, educação de jovens e adultos, tudo isto ficou a cargo das universidades; “aos poucos, as licenciaturas em Pedagogia voltadas para a docência foram tornando-se mais numerosas do que as dirigidas à formação do especialista” (TANURI, 2006, p.74).

Destacou também a seguinte informação “(...) as universidades federais brasileiras adotam, desde o final da década de 1980, a docência como base de formação do pedagogo, com ênfase na formação do professor das séries iniciais do Ensino Fundamental”. (BRZEZINSKI, 1996, p. 86)

Para tanto, os dois autores deixam explícita a origem e a permanência da formação nos cursos de pedagogia, ou seja, centralizada na docência, embora, não sejam resolvidas as mazelas dessa classe. Porque a crise de identidade permaneceu ao longo dos anos, como também, a indecisão entre teoria e prática.

Com o passar dos anos criaram-se outros dispositivos legais que interferiram no pensar do curso de Pedagogia, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/20 de dezembro de 1996, no que se referem a “Dos Profissionais da Educação”, no Artigo 62, a LDB designa que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, lei 9.394/1996. p 42)

Ainda prevista nessa Lei de nº 9.394, no seu artigo 63 e incisos, a confirmação dos responsáveis pela formação dos profissionais para a educação básica, tendo os institutos superiores de educação incumbência de:

- I. Cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;
- II. Programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;
- III. Programa de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis. (BRASIL, lei 9.394/. 1996. p 43)

A LDB (1996) retoma ainda a discussão da formação dos especialistas, em seu artigo 64 onde define que:

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (BRASIL, lei 9.394/ 1996. p. 43)

A cena que vemos é a de aniquilação da formação de professores em prol da formação de profissionais da educação. Tornando o curso de pedagogia em profissionalizante. Havendo assim a separação entre o professor das demais funções.

Ao ponto que a formação dos professores para atuação nos anos iniciais e educação infantil ocorreria pelos Institutos Superiores de Educação, no Curso Normal Superior, para tanto nesse momento era atribuído ao curso de pedagogia o caráter de bacharelado, ocasionando dessa maneira, no retrocesso para as antigas habilitações do curso de pedagogia.

Isso acarretou o aceleração de cursos superiores de qualidade duvidosa. Ganhando força com a determinação da LDB (1996) para a criação de institutos de ensino superior em todo o território brasileiro. Ocorrendo assim, em anos posteriores debates com auxílio da ANFOPE e educadores em seminários, fóruns e levantes dos educadores em prol da formação dos pedagogos localizada nas Faculdades de Educação.

Em Recife acontecia o IV Seminário Nacional e o I Encontro nacional dos Fóruns de Licenciaturas realizado pela ANFOPE E FORUNDIR, foi então, organizada a Carta de Recife, em razão da “recusar a proposta da Conselheira do CNE Eunice Durhan, que pretendia eliminar a possibilidade de formação de docentes para as séries iniciais e Educação Infantil dos Cursos de Pedagogia” (Carta de Recife, ANFOPE/FORUNDIR, Novembro de 1999).

Neste mesmo ano acontecia uma grande mobilização nacional em repúdio ao Decreto 3.276/1999 que determinou exclusividade nos Cursos Normal Superior a formação dos professores para ensino superior. Só que a mudança veio no ano 2000, através da aprovação do Decreto 3.554/2000, “que substituiu o termo preferencialmente no lugar do termo exclusivamente”.

Isso ainda retornaria com intensa discussão quanto à formação e a quem era a responsabilidade para tal ensino. Nessa renovação para o curso de pedagogia não tem a aceitabilidade por todos:

Apesar de prevalecer a concepção que toma à docência como o núcleo forte da pedagogia, pelo menos duas outras circulam no debate. Em síntese, as três concepções podem ser assim formuladas: pedagogia centrada na docência (licenciatura – professor); pedagogia centrada na ciência da educação (bacharelado –

pedagogo); e pedagogia centrada nas duas dimensões, formando integradamente o professor e o pedagogo (KUENZER; RODRIGUES, 2006, p. 194).

As distintas concepções para formação no curso de pedagogia, com dilema entre licenciatura e bacharelado, mesmo que, a base da formação seja à docência isso determinou também problemas relacionados com a identidade do pedagogo, visto que a indefinição se perpetuou ao longo dos anos.

O MEC através da Secretaria de Educação Superior (SESU) no ano de 1997 promulgou a elaboração de diretrizes curriculares para o ensino superior que por sua vez encaminhou as propostas, já em 1998, para as Comissões de Especialistas de Ensino (COESP), criada então, pelo MEC, analisada e aprovada com consentimento do Conselho Nacional da Educação (CNE).

Dessa forma, o documento que regulou as diretrizes curriculares tinha como função dada ao pedagogo a seguinte definição:

[...] um profissional habilitado a atuar no ensino, na organização e gestão de sistemas, unidades escolares e projetos educacionais e na produção e difusão do conhecimento, em diversas áreas da educação, tendo à docência como base obrigatória de sua formação [...] (CEEP, 1999, apud SCHEIBE, 2000, p. 13).

Entre os anos de 2001 a 2002 teve-se a criação de comissões de especialistas para encaminhar propostas para a construção das diretrizes com objetivo de contemplar a formação do pedagogo trazendo à tona a docência para educação infantil e o ensino fundamental. Só que em 2003 foram extintas as comissões que foram assumidas pelo CNE, que por sua vez constituíram outra comissão agora formada pela Câmara de Educação Superior e a Câmara de Educação Básica.

Essa comissão tinha como objetivo definir as diretrizes para o Curso de Pedagogia, algo que veio a solidificar em 2005 com a primeira versão da resolução que indicaria a diretriz para a comunidade educacional em particular para a Pedagogia. No entanto, essa primeira iniciativa não foi aceita em razão da negativa por desconsiderar o curso de pedagogia como espaço acadêmico.

No ano de 2005, foi aprovado o Parecer^o 05/2005 como também, a Resolução que regula as diretrizes curriculares nacionais para o Curso de Pedagogia e nesse momento algumas solicitações do movimento dos educadores foram levadas em consideração.

Nessa reformulação deu-se destaque para: ampliação da formação do pedagogo, que passa a contemplar integradamente à docência, a participação da gestão e avaliação de

sistemas e instituições de ensino em geral, a elaboração, a execução, o acompanhamento de programas e as atividades educativas em contextos escolares e não-escolares.

4.1.1 Definição do curso de pedagogia nas DCN

No ano de 2006, estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Resolução CNE/CP n. 1, em seu artigo 4º, com seguinte definição:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (BRASIL CNE/CP n1, 2006. P 2).

Dessa maneira, são definidos os espaços de atuação, mas também as funções desses profissionais que a proposta está presente no artigo 2º, e no parágrafo primeiro do mesmo, trazendo para o cenário brasileiro naquele instante uma renovação ao contexto de formação dos pedagogos. Partir daquele momento seriam formados nos cursos de Pedagogia no país, tendo como base a docência Como é explicitado a seguir:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

§ 1º Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo (BRASIL CNE/CP n1, 2006. P 1).

As Diretrizes curriculares nacionais da pedagogia apontam, em seu Artigo 6º, que a estrutura do curso deve se organizar em núcleos²:

I. *um núcleo de estudos básicos* que, sem perder vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio do estudo acurado da literatura pertinente e de realidades educacionais, assim como por meio de reflexão e ações críticas;

² Lembramos que, embora não tratemos aqui desse documento, o CNE aprovou em 2015 a Resolução nº 02 que também são diretrizes para a formação do educador e que mantém essa estrutura tratada na resolução de 2006, com algumas alterações.

II. *um núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos* voltado às áreas de atuação profissional priorizadas pelo projeto pedagógico das instituições e que, atendendo a diferentes demandas sociais, oportunizará, entre outras possibilidades;

III. *um núcleo de estudos integradores* que proporcionará enriquecimento curricular e compreende a participação em: a) seminários e estudos curriculares, em projetos de iniciação científica, monitoria e extensão, diretamente orientados pelo corpo docente da instituição de educação superior; b) atividades práticas, de modo a propiciar vivências, nas mais diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamentos e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos; c) atividades de comunicação e expressão cultural. (grifo nosso). (BRASIL CNE/CP n1, 2006. P 3).

A estrutura do Curso de Pedagogia, que respeite a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, deve se constituir de três núcleos de estudos, cada um com uma formatação própria, mas com o objetivo de fazer a formação de forma articulada.

4.1.2 o trabalho do pedagogo

A partir de agora destacaremos alguns temas que são corriqueiros em nosso meio, o modelo de educação proposto por Paulo Freire é executado em muitos países Europeus, porém o grande diferencial está na importância que esses países dão à educação e às pessoas, no Brasil educar é estressante, desestimulante, os governos pagam muito mal em relação a outros países, as condições de trabalho são péssimas, as políticas públicas para valorizar o profissional de educação andam a passos lentos, e, além disso, são extremamente opressores, Freire quando fala de direitos que são tirados é bem claro ao dizer

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. [...]. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e está, o ser menos (FREIRE, 1987, p. 30).

Paulo Freire pensa uma educação renovadora dando real importância para os agentes que há constitui, porém vai de encontro com ideias conservadoras e em alguns lugares com opressão mesmo, também com um sistema escolar que se encontra estacionado com reformulação lenta, desmotivadora e com pessoas que estão em constante busca por outros campos de atuação no mercado.

Qual o impacto na formação do pedagogo? De início quando entramos no curso superior de formação de professor nos deparamos com muitas críticas aos métodos utilizados

por professores, porém quando vamos à escola estamos de frente com uma realidade muito oposta, são expostas as barreiras da burocracia escolar coisa que em alguns campos de atuação está sendo superada, muito por atitude dos próprios professores.

Mas não pode ser desculpas para a não mudança, a narrativa de conteúdos que infelizmente ainda é assombrosa na sala de aula, porque é um instrumento de adestramento, por assim dizer, em tempos atuais comprova os mesmos ditos de Paulo Freire outrora, ainda conseguimos ver em alguns casos professores de crianças que ainda usam o mesmo método denunciado por Freire:

A tônica da educação é preponderantemente está –narrar, sempre narrar. Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração em sua época. (FREIRE, 1987, p. 57).

“A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador”. (FREIRE, 1987, p. 57).

Educação deve ser libertadora o meio pelo qual o sujeito possa se libertar, uma educação da narração não lhe proporciona conhecimento, que possa conduzi-lo a um processo consciente de lutas pela liberdade desde a sua infância.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associado a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1987, p. 52).

Apesar de tudo que pensamos descrito acima, observa-se que a formação de professores está sendo cada vez mais discutidas, ganhando novos caminhos e desafios, em virtude de sua grande necessidade, em tempos atuais, o seu papel faz parte do bom ensino que precisamos para melhorar a educação. A responsabilidade em parte é nossa como educando, para nós uma boa formação é importante, mas muitos de nós ainda não sabemos de fato o que realmente queremos, na difícil tarefa de educar crianças, a definição de formação passa despercebida uma vez que temos que entender o papel que vamos desempenhar como educador precisamos pensar uma formação crítica, que possa nos trazer confiança no exercício da profissão docente.

A formação do professor traz consigo o desenvolvimento da capacidade de estímulo para a ampliação do caráter, de valores e princípios que possam nortear a busca de uma ideologia própria que direcionará o sujeito dentro de sua realidade que possa lhe conduzir à liberdade.

4.1.3 Autoconhecimento

O autoconhecimento é sem dúvida muito importante para aqueles que desejam ser professor, não só para quem deseja ser professor, mas para todas as pessoas no convívio social, que querem se descobrir no mundo, refletir o mundo, para descobrir a si e compreender o outro. É preciso compreender que, de todos os seres vivos, o homem é o único que não nasce pronto, no mundo animal, os animais sempre vão se comportar como animais, da mesma forma. No mundo vegetal, não há necessidade de uma orquídea se transformar em outra planta para se tornar uma orquídea melhor.

O ser humano de todos os seres vivos que existe é o único que precisa ser educado isso porque todos nós somos diferentes, isso quer dizer que não se pode educar uma pessoa depositando nele conhecimentos como Paulo Freire aponta na concepção da educação bancária. “[...] a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação.” (FREIRE, 1987. p59).

Educar significa despertar no ser humano, o mais profundo sentido de sua vida, para que surja um ser diferente, se a educação não tiver a capacidade de despertar a crianças no sentido de si mesmo de fato não é educação.

Educar, como ato de amor precisa ser feito com alegria, e diálogo e com respeito aos saberes do educando, para, “Não se consegue um espaço criativo, de liberdade e alegria com salas de aulas em que alunos não se olham, em que o educador ou educadora fica à frente da sala, muitas vezes em um patamar mais alto para que possa olhar seus alunos de cima”. (FEITOSA, 2011 p. 106).

Para que os alunos pudessem se ver na sala de aula Freire criou o que ele chama de círculo de cultura que consiste em; no círculo de cultura desenvolvido por Paulo Freire, valoriza-se o espaço, tornado este importante para a interação, devendo promover o debate, e o trabalho em coletividade, de acordo com (FEITOSA, 2011 p. 106), “mudar as carteiras de lugar não é o suficiente precisa mudar a concepção da aula”.

No círculo de cultura não pode haver, aulas monólogos como se houvesse apenas um personagem na sala, “as relações não podem ser hierarquizadas, verticalizadas, [...] os conteúdos não podem ser tratados de forma fragmentada. A vida é traduzida para a sala de aula e a diversidade não se constitui um problema” (FEITOSA, 2011 p. 106).

O princípio da sabedoria, está no conhecer a ti mesmo ao ignorar a si o ser humano cai num fazer sem sentido não há sabedoria. Não se pode dicotomizar o fazer do ser, precisa de alguma forma está ligado um ao outro. Para despertar no aluno o autoconhecimento, o educador precisa perceber a diferença que existe em cada um, precisa conhecer cada aluno para tomar o melhor caminho no processo, isso se dá conversando com cada um descobrindo assim o que cada um sabe. Descobrir deve levar consigo o conhecimento que cada um temesse diálogo porque possibilita ao educador-educando elaborar métodos problematizando o saber da criança e não fazendo uma doação é uma devolução como destaca Freire;

“[...] não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada.” (FREIRE, 1987. p 83 e 84).

4.1.4 Reflexividade

A reflexão é um aspecto importante, pois pode qualificar o trabalho docente, a ação precisa ser planejada e após a execução precisa pensar no que não surtiu efeito, se surtiu em que altura, como pode ser melhorada, o que fazer para isso, refletir sobre o que se faz em sala de aula, sobre o que se ler durante o curso de formação, sobre tudo a nossa volta pode dar significação a tudo que fazemos. Para Libâneo:

“[...] a reflexão é: uma característica dos seres racionais conscientes; todos os seres humanos são reflexivos, todos pensamos sobre o que fazemos. A reflexão é uma autoanálise sobre nossas próprias ações, que pode ser feita comigo mesmo ou com os outros” (LIBÂNEO, In SELMA G. p. e. GHEDIN (orgs)2008: (p.53).

Libâneo destaca ainda outros significados para reflexividade é a reflexão, interior é quando eu olho para dentro de mim no sentido de examinar minha prática, meus próprios atos pensar sobre o conteúdo existente em minha mente, assim eu penso sobre minhas ideias modifico-as, ou seja, a reflexão pode leva-me a formar uma teoria a um pensamento que pode orientar o meu fazer docente.

“Ainda de acordo com Libâneo surge outros significados para reflexividade: pode se entendida como ralação direta entre a minha reflexividade e as situações práticas. Está intimamente ligada a minha ação” (LIBÂNEO, In SELMA G. p. E. GHEDIN (orgs)2008: p.56).

Os dois conceitos apontados acima são fundamentais para a formação do pedagogo estão intimamente ligados com o fazer docente, o professor precisa de autoconhecimento e precisa refletir sempre sobre sua prática isso fica bem claro nas palavras de Paulo Freire “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996. p 39).

Quando adentramos no curso de pedagogia, temos que ter a consciência de que nossa atividade final será lidar com pessoas, a responsabilidade obviamente é grande por isso mesmo é que poucos que formam em pedagogia vão de fato exercer a profissão, mas vamos caminhar por outro lado, formar professor não é um processo fácil, pois o resultado desse trabalho é formar alguém que vai ter o papel de formar outras pessoas, mesmo assim precisa ter a consciência daquilo Freire chama de “inacabamento” (FREIRE, 1996. p. 53).

Tendo essa consciência logo preciso entender que tenho a obrigação de refletir sobre a minha formação, não são os professores de pedagogia que tem que refletir por mim, eles refletem sobre o fazer deles, eu preciso pensar no eu quero ser amanhã.

Alguns alunos entram em um curso superior e acabam saindo do mesmo jeito que entraram isso por que não refletem sobre o que ver o que ler, sobre as convivências e as diversas etapas do curso, sobre ao diversos temas que são discutidos, propostos, e realizados, não reflete sobre a construção do saber, entra pensando apenas no diploma. Isso é um risco, pois se forma uma pessoa incapaz, que não se obteve a criticidade necessária para o enfrentamento a opressão camuflada que ainda assombra a sociedade, para Paulo Freire; “Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente”. (FREIRE, 1996. P. 39).

Para exemplificar pense numa escalada de uma montanha, é sempre gratificante pensar na chegada no pico da montanha, são belas paisagens, horizonte lindo, observar um pô do sol, mas para chegar ao pico da montanha existem muitos desafios a ser vencido, o cansaço, o medo, as pedras no caminho, de modo que isso vai exigir estratégias, planos, reflexões sobre possibilidades, assim se pensarmos apenas na chegada no pico da montanha vamos facilmente desistir no meio do caminho, da mesma forma é a nossa formação se pensarmos apenas no

diploma, devemos pensar desde já na nossa prática, na nossa ação se quisermos fazer alguma diferença.

5 Formação de Pedagogo na Atualidade: Novos Rumos

Ser professor é uma profissão como qualquer outra, sendo profissão, é necessário que se aprenda a ser professor. Como pode se aprender ser professor? É na prática. Ninguém aprende a pilotar um avião só ouvindo aula, precisa praticar, é na convivência, conversando com o aluno também na condição de educando, para Paulo Freire o educador-educando é uma só pessoa. É o professor, mas ele também está num processo de aprendizagem claro que em outro nível, mas não é um ser pronto acabado está também na condição de aprendiz.

A sociedade ao longo dos anos vem sofrendo muitas transformações, ora por necessidade, ora por imposição, algumas dessas transformações são resultados de grandes manifestações populares, por exemplo, esses acontecimentos têm refletido muito na educação, obrigando professores a reinventarem sua prática, surgiram novos temas geradores, daí a necessidade de estratificar esses temas a compreensão adequada dos mesmos.

O curso de pedagogia precisa ser capaz de formar um profissional com capacidades mínimas de, com o entendimento de que, não é dono do saber, possa pensar formas de debater temas polêmicos com o objetivo de retirar daí uma compreensão lógica, não havendo uma dicotomia entre o novo e o velho, destruindo preconceitos, dando a ele uma visão mais larga dos assuntos e da sua área de atuação, proporcionando o domínio dos assuntos e que seu ensino sege significativo.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (FREIRE, 1996. p. 35).

Não há um discurso pronto e acabado sobre formação de professores, o que há é uma contínua conversa estimulada pelos novos caminhos e desafios, os desafios da formação é pensar como formar o sujeito que possa ser capaz de superar os desafios da vida, isso por que muitos de nós estamos assumindo salas de aula sem o pleno domínio de a arte ensinar, muitos de nós ainda não sabemos como fazer nosso aluno superar suas mínimas dificuldades, isso pode nos passar a ideia de que, muitos de nós só vamos aprender a docência com a prática ao dar aula

5.1 Valorização

Cerca de 80% dos professores no Brasil são formados em faculdades particulares que alguns especialistas criticam e chamam de “formação duvidosas” algumas dessas faculdades não têm compromisso com a qualidade, os órgãos de vigilância do governo deveriam ser rigorosos na averiguação desses cursos isso para assegurar que aquele aluno formado em matemática, realmente sege um bom professor de matemática.

Não teremos educação de qualidade sem professor de qualidade, um ponto que há muito já vem se discutindo é a questão da valorização do professor, no Brasil não haverá educação de qualidades sem valorizar os mais de dois milhões de professores que atua na docência no Brasil.

O fato é que mesmo sem a valorização que se deve a essa profissão, é ainda uma das profissões que mais proporciona realizações apesar dos muitos problemas relatados principalmente pela mídia, de doenças como depressão e outros transtornos que sofrem os muitos profissionais de educação no nosso país.

O que se nota é que há uma tentativa de, diante dos muitos problemas relatados, pela mídia inclusive, onde se emprega muita ênfase a um acontecimento negativo na escola atribuindo isso ao despreparo do professor, a má qualidade do ensino, e isso têm tirado o interesse das pessoas de se tornarem professor, a meu ver o processo de implantação tem contribuído para isso. Podemos afirmar que a educação no Brasil esta sempre em reforma porque é uma educação para atender os interesses, mercantil, nos últimos anos as reformas e construções de currículos que regulam o sistema de ensino tem tentado levar em conta apenas as necessidades de uma formação para a mudança, pensando na formação não a penas de trabalhadores, mas de cidadãos.

Nesse sentido a educação no Brasil ainda anda em passos lentos, embora muitos professores universitários de formação de educador começam a pensar num currículo que possa abarcar essas demandas, o objetivo é oferecer uma educação que possa contribuir para a formação de uma sociedade, ética e politicamente organizada, sendo instrumentos de socialização, modernização e construção de uma geração mais consciente justa e critica.

Como já foi mencionado, ser professor no Brasil é desestimulante, com certa razão, a falar de salário, de condições de trabalho, do respeito pela profissão por parte das autoridades, mas educar é pensar no melhor para o próximo, é libertar o próximo, isso é um ato de amor,

“um ato de amor é comprometer se com a causa de outros com sua libertação”. (FREIRE, (1987, p. 80).

O professor precisa ser valorizado não só pelas autoridades, mas também pelos alunos, pela sociedade, porém a valorização advinda dos alunos em alguns casos precisa ser estimulado pelo próprio professor que diante dos novos conceitos, precisa retirar do seu aluno esse hábito vicioso, de não refletir sobre o que ver, fazer o aluno pensar no que ele é no que ele deve ser, além de estar atribuindo significação ao seu trabalho estar também qualificando seu aluno para vida. Esse professor estar trabalhando em sua própria defesa por assim dizer, formando um ser crítico, nessa problematização estar gerando novos conceitos numa perspectiva mais geral, e reafirmando o pensamento de Freire de educação como prática da liberdade.

5.2 Experiências

Uma das críticas que ouvíamos durante o tempo em que fiquei no curso era que; pouco tinha contato com a escola, de fato ainda há uma distância significativa da parte teórica do curso com a realidade lá na escola, o contato mais próximo é no período de estágio, alguns professores estão diversificando os locais de estágio, o objetivo é tentar mostrar ao formando as diferentes realidades existentes na escola.

Embora seja um período do curso, mas pode nos dar a dimensão do que é o chão de uma escola, como funcionam, quais as prioridades no dia-dia, podemos assim observar de perto o fazer docente.

Durante a minha formação ouvir muitas críticas ao fazer docente nas salas de aula, o fato é que às vezes existiam certas críticas, nem sempre construtivas, porém não se ouvia palavras que significasse introdução do novo, soa como um grande desejo de transformação, mas as novas ideias parecem não se concretizar. Pude observar que durante o estágio o novo não passou segurança não teve consistência, em certo momento acabava dando continuidade ao que já estava sendo ministrado pelo professor, repedindo aquilo que tanto se criticou, ficando só no papel.

Isso pode ser consequência daquilo que já mencionamos, a falta da reflexividade. E também porque possivelmente não houve a problematização por parte de alguns de nós, de temas que certamente surgiram e que poderiam denominar novos temas ou possibilidades

Penso que formação de professor deveria estar ligada não só a teoria, mas também a prática, algumas disciplinas do curso podem proporcionar isso, em disciplinas de planejamento, didática, fundamentos e metodologias, pode nos proporcionar não apenas os trabalhos teóricos, mas também práticos. No entanto há um grande contratempo nessa questão, muitos acadêmicos são estudantes, mas precisam trabalhar, e as escolas de atenção básica funcionam durante o período diurno, tornado essa parte da formação inviável.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se observar, que a obra de Paulo Freire é muito mais ampla do que se pode imaginar, sua obra tem significado real, foi produzida a partir das experiências, acontecimentos e fatos que ele mesmo vivenciou, é uma denúncia clara da opressão vivida. Sua contribuição é de muita importância, pois nos seus escritos há uma preocupação visível com alfabetização, com a libertação e emancipação de homens e mulheres, através da educação.

A crítica a educação bancária que é uma contribuição importantíssima para o trabalho docente, nos faz pensar, e nos leva a reflexão da prática trazendo a possibilidade de o educador se ver no lugar do educando, e não se considerar o maior dono do saber, e o aluno o que não tem conhecimento. Em como podemos melhorar nossa atuação como educadores se queremos realmente ser parte na transformação de uma sociedade melhor, formando bons cidadãos e não pessoas que concordam e não questionam a situação em que se encontram.

Freire defende uma educação para a liberdade. Essa é outra contribuição importante para o trabalho docente, porém essa definição de educação para liberdade vai de encontro com a situação imposta com a ideia aceita defendida por grupos neoliberais, que ao assumirem posições de autoridades acabam colocando isso como suas principais políticas sociais, no entanto acaba afetando também as escolas, consequentemente toda a sociedade.

O neoliberalismo traz a ideia de controle, esse pensamento descaracteriza a educação, Paulo Freire defende que o processo pedagógico, tenha capacidade de fazer com que as pessoas possam reconhecer a importância da ação política isso porque problemas educacionais são também problemas políticos e socioeconômicos.

A denúncia feita por Paulo Freire na sua principal obra Pedagogia do Oprimido, sobre a situação de opressão em seu tempo ainda incomoda em tempos atuais. Ficamos muito preocupados quando observamos os feitos desse educador e não vemos o reconhecimento que o mesmo deveria ter em solo brasileiro, isso retrata muito bem a maneira como esse país trata e considera a educação.

Paulo Freire em suas obras mostra uma visão maior sobre as coisas e expõe a forma opressora em que a sociedade está submetida, por serem de fácil compreensão vem sendo questionadas muito em tempos atuais por aqueles são contrárias as suas ideias, muitos são influenciados e acabam formando uma concepção a partir de ideias de outros.

O que fica de impressionante para mim nesse trabalho é a capacidade que este educador tem de persuasão no que refere à realidade de seus escritos, as verdades que podemos observar, o texto é muito diferente de uma história de ficção embora em alguns momentos parecesse ser, podemos destacar uma “choradeira” por assim dizer, exatamente por ter escrito sobre o que de fato viveu como já comentado, ele estava exilado a emoção ou até mesmo sentimentos de raiva poderiam está muito forte, dessa forma o que se pode ver é um profundo sentimento por todos que estavam na mesma situação.

Espero que ao lerem este texto o leitor possa se identificar, com a temática e não só isso que possa retirar dele conceitos e entendimento dos pensamentos de Paulo Freire, as contribuições desse grande autor e educador brasileiro.

Na elaboração deste trabalho pudemos perceber que precisamos reconhecer aquilo que temos, na área do conhecimento, os nossos pensadores. As práticas pedagógicas, pensadas por Paulo Freire, nos mostram que precisamos fazer uma educação que respeitar as diferenças e promover cidadania através da abordagem correta dos temas geradores instituídos por todos nós.

Compreendemos que esta pesquisa não será suficiente para entendermos o pensamento de Paulo Freire como um todo, por se tratar de uma das maiores referencias mundial no assunto, outras pesquisas poderão nos esclarecer ainda mais. Na formação do pedagogo o pensamento e a colaboração de Paulo Freire precisam ser vista como importante também por todos nós brasileiros.

É com o compromisso de dar continuidade ao legado desse grande educador que decidir escrever esse texto. Também com o compromisso ético-político-pedagógico que elaboramos este trabalho dirigido às contribuições de Paulo Freire a formação de professores, e aos oprimidos que, como eu, acreditam que é possível a busca pela liberdade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Celso Scocuglia, **Método Paulo Freire, 40 anos: história e memórias: Histórias inéditas da educação popular: do Sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura São Paulo**, Cortez/EDUEPB/IPF, 2001 (2ª edição). Disponível em: <[http:// www.paulofreire.ufpb.br.pdf](http://www.paulofreire.ufpb.br.pdf)>. Acesso em 27 de dezembro de 2018.

ANDRÉ, Marli; PRINCEPE, Lisandra. O lugar da pesquisa no Mestrado Profissional em Educação. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 63, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n63/1984-0411-er-63-00103.pdf>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – ANFOPE. IX Encontro Nacional: Documento Final. Campinas, ANFOPE, 1998.

BECK, C. (2016). **Método Paulo Freire de alfabetização**. Andragogia Brasil. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/> acesso 12 de janeiro 2019: 14h 21min.

BORTOLINI, Maria Regina. **A pesquisa na formação de professores: Experiências e representações**. 2009. 197. Trabalho de Conclusão de Curso (tese) Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/ppge/teses/tese_maria_regina_bortolini_de_castro.pdf> Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.

BRZEZINSK, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores**. Campinas (SP): Papirus, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire** / Carlos Rodrigues Brandão 28ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2006-- (coleção primeiros passos; 38).

BRASIL, Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação, **PNE, 2014/2024**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/pne>>. Acesso em 24 de janeiro de 2019.10: 33,12

CASTRO, Maria Fernanda Villena. **Do ensaio à encenação**: o olhar dos alunos do 7º e 8º períodos do Curso de Pedagogia para o processo de articulação teoria/prática no estágio curricular supervisionado. Itajaí: SC [s.n], 2005.

COSTA, N. M. L, 2004. **A Formação Continuada de Professores – Novas Tendências e Novos Caminhos**. Disponível em: www2.ifrn.edu.br. Acesso em 03 de janeiro de 2018, 09:45,10.

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN (Orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 5.ed.São Paulo: Cortez, 2008, p. 89-108.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.65, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n65/1413-2478-rbedu-21-65-0281.pdf>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire: A Reinvenção de um Legado / Sonia Couto de Souza Feitosa**. – 2. Ed. Brasília: Líder Livro Editora, 2011.

FREITAS, Helena Costa L. de. **O Trabalho como Princípio Articulador na Prática de Ensino e nos Estágios**. Campinas – São Paulo: Papyrus, 1996.

FREIRE, José Carlos da Silveira. **A formação de professores na Universidade do Tocantins – UNITINS**: limites e possibilidades do Curso de Licenciatura em Regime Especial. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – UFG/Faculdade de Educação: Goiânia, 2002.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa** / Paulo Freire – São Paulo Paz e Terra, 1996(coleção leitura).

GADOTTI (Org.), **Paulo Freire**. Uma biobibliografia, Cortez. São Paulo 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Primeira edição de 1970.

GADOTTI, Paulo Abrão e Comissão de Anistia. Ministério da Justiça. (Orgs)**Paulo Freire. Anistiado político brasileiro** -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Brasília: 2012.

FREIRE, Paulo, – **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]3º ed. São Paulo: Cortez& Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**, Paulo Freire / Ed: paz e terra, Rio de Janeiro: 1967.

LIBÂNEO, José Carlos. Refletividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?In: **Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin (orgs) Professor Reflexivo no Brasil: gênese e críticas de um conceito** /- 5º Ed- São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Maria José de et.al. Reflexões sobre a leitura na formação inicial do pedagogo. In. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. UNICAMP - Campinas – 2012. São Paulo. Disponível <<http://www.infoteca.inf.br/2813p.pdf>>. Acesso em: 22 janeiro. 2019.

GHEDIN, Evandro. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN (Orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 5.ed.São Paulo: Cortez, 2008, p.129-150.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed.São Paulo: Atlas, 2006.

GONDIN, Linda M. P. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso**. São Paulo: EdUFSCar, 2010.

KUENZER, Acácia Z; RODRIGUES, Marli de F. **As diretrizes curriculares para o curso de pedagogia: uma expressão de epistemologia da prática.** In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 12., Recife. Anais: UFPE, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LARA, Eliane Fudoli. A pesquisa na formação do pedagogo: **Análise sobre o trabalho de conclusão de curso na opinião dos Alunos do curso de pedagogia Trabalho.**2011.42. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ELIANI%20FUDOLI%20LARA.pdf>> Acesso: 19 de janeiro de 2019.

LIMA, Márcio Antônio Cardoso. **A pesquisa-ação e o ensino de filosofia.** 1.ed. Curitiba, Paraná: CRV, 2013, p. 27-38.

LÜDKE, Menga. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1995, p.111-120.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa; planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Renata Greco. **Formação do Pedagogo na Universidade: o espaço do político no Trabalho de Conclusão de Curso.** 2012. 109. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese), Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49360/000836319.pdf;sequence=1>> Acesso em: 05/01/2019

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAFAELA, Aparecida Rodrigues Costa: **Identidade do Pedagogo: Formação e Atuação,** Grupo de Trabalho - Políticas Públicas, Avaliação e Gestão da Educação Básica, Londrina PR. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16596_10509.pdf Acesso em 05 de fevereiro de 2019 15h41min.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 3. ed. Vozes: Petrópolis, 1982.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Carmem S. B. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

TANURI, L. M. As diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia. In: BARBOSA Raquel Lazzarilite. (Org.). **Formação de Educadores: artes e técnicas, ciências e políticas**. 1ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006, v. pp. 73-86.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Campus Universitário de Miracema. Miracema do Tocantins, 2007.